

IAHWEH, TODO MEU SER ESTREMECE! PECADO COMO AGENTE DE DESINTEGRAÇÃO DAS RELAÇÕES NOS SALMOS PENITENCIAIS

*Frei Dr. Romano Dellazari**

Resumo

Os salmos conhecidos e usados pela Tradição eclesial como penitenciais contêm em seu bojo vários tipos de perturbações psicossomáticas. O orante percebia-as como conseqüência de pecados cometidos. Ao mesmo tempo, ele estava consciente de que o pecado era, também, causa de perturbações e desintegrações nas relações, seja com Deus seja também com o próximo e com a natureza. Em resumo, o pecado era visto como uma tentativa de fazer a criação retornar ao estado de caos.

Abstract

The psalms, known and used as penitential ones by the church tradition, contain different kinds of psycho-somatic disturbances. The prayer perceived them as a consequence of committed sins. At the same time, he was conscious that the sin caused disturbances and disintegration in the relations with God and with his neighbor and the nature as well. In short, the sin was seen as an attempt to make the creation go back to the chaos state.

* Doutor em Teologia pela EST – São Leopoldo, Professor da FATEO - PUCRS.

O que se pretende verificar neste estudo** são os tipos de perturbações psicossomáticas que, dentro dos salmos penitenciais***, o ser humano sofre, quando age como pecador. Os termos usados dentro dos salmos penitenciais, que expressam os equívocos no ser e no agir do ser humano, são:

- a) פְּשָׁע (peša'), delito, crime, culpa, pecado, ofensa, rebeldia;
- b) עֲוֹן ('āwōn), delito, crime, ofensa, culpa, reato, iniquidade;
- c) חַטָּאת (h^atā'āh), falha, pecado, culpa, crime; sacrifício expiatório.

Usa-se ainda, uma vez, עָשָׂה הָרַע ('āsāh hāra') “fazer o mal” e, uma vez, o sintagma פְּעֻלֵי אֲוֵן (pō^alê 'āwen) “promotores de iniquidade”.

Os salmos penitenciais reconhecem a existência de erros cometidos e as conseqüências que o penitente está sofrendo. Não

ABREVIATURAS

BJ = Bíblia de Jerusalém

DITAT = Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento

GLNT = Grande Lessico del Nuovo Testamento

LXX = Septuaginta

PG = Patrologia grega (Migne)

PL = Patrologia Latina (Migne)

TDNT = TDNT = Theological Dictionary of the New Testament

TEB = Tradução Ecumênica da Bíblia

THAT = Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament

TM = Texto Massorético

Ψ = Saltério segundo a LXX

** Este estudo, com as devidas adaptações, é o terceiro capítulo da tese de doutorado assim intitulada: “DEVOLVE-ME O JÚBILO DE TUA SALVAÇÃO”, defendida na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo – RS, em 06.12.2004.

*** Sl 6; 32; 38; 51; 102; 120; 143.

é nada fácil, no entanto, depreender o que o salmista fizera de errado, pois os salmos penitenciais não definem o que significam os termos. Isso deverá ser procurado em estudos especializados.

a) O pecado na história das religiões

A idéia de pecado, como perturbação ou quebra de relações com a divindade, segundo Mattioli, “está presente em todas as religiões. Parece não existir nenhuma religião sem a idéia de que o ser humano não esteja em condições de perturbar, em razão de alguma de suas ações, as boas graças entre ele e a divindade. No sentido geral, o pecado pode assim ser considerado como aquilo que, nas várias religiões, representa a violação de uma ou mais normas que quebram as boas relações”¹.

A história das religiões reconhece, nas religiões animistas e politeístas, três grupos de violações:

a) a violação predominante nas religiões mais primitivas se caracteriza pela violação dos mistérios do tabu, ou seja, as interdições e proibições que visam criar, sobretudo, respeito e intangibilidade de objetos e coisas envolvidas por forças sobrenaturais. Elas criam as condições para sanções automáticas, independentemente da intencionalidade ou não de transgredi-las;

b) o segundo grupo se caracteriza pela transgressão de ordens rituais. São as normas que determinam as relações com o sagrado. A reparação exige, uma vez acontecida a transgressão, que se passe, antes de uma nova aproximação, por um rito de purificação;

c) no terceiro grupo são as normas morais que estão em questão. Referem-se ao comportamento entre os membros da própria comunidade ou com a divindade. Cabem nesse contexto

¹ MATTIOLI, Anselmo. *Dio e l'uomo nella Bibbia d'Israele*. Teologia dell' Antico Testamento. Torino: Marietti, 1981, p. 251 (n. 199).

pactos, juramentos, etc., feitos sob os auspícios da divindade de onde derivam sua existência e seus valores sociais².

No mundo extrabíblico, acreditava-se que os deuses jamais ficariam indiferentes à observância ou não daquilo que a consciência religiosa e social, expressa nas tradições ou nas leis, impunha. Essa observância ou não das tradições ou leis muitas vezes acontecia por meio de rituais mágicos. Os rituais que envolviam a magia visavam fazer com que os deuses agissem em favor do orante. Conhecem-se, desde tempos imemoriais até aos dias de hoje, rituais para os mais diferentes tipos de magias, mandingas, etc.

A Mesopotâmia primava por uma literatura mágica, plena de fórmulas e de imprecções contra espíritos maus ou demônios causadores de doenças e que se faziam presentes no corpo. Existiam amuletos, ritos, fórmulas mágicas, pomadas, unções variadas³. Serviam como meios para afastar do ser humano os encantos, sortilégios, etc. Existiam os esconjuradores, com diferentes nomes, segundo as funções que exerciam: *ašipu*⁴, *mašmašu*⁵, *bā-ru*⁶, *pašišu*⁷. No tempo de Assurbanipal (668-626 a.C.) foi feita uma resenha, da qual nasceram cinco coletâneas de textos que ainda existem⁸.

² MATTIOLI, Anselmo. *Dio e l'uomo nella Bibbia d'Israele*, p. 251 (n. 199).

³ Id., *ibid.*, p. 252 (n.º 199).

⁴ Esconjurador. CASTELLINO, Giorgio R. (a cura di). *Testi Sumerici e Accadici*. Torino: Unione tipografico-editrice torinese, 1977. Coll.: UTET (Classici delle Religioni), p. 547.

⁵ “*Mašmašu* (*mašmaš*), scongiuratore che eseguiva i riti e recitava le formule e preghiere magiche”. CASTELLINO, Giorgio R. (a cura di). *Testi Sumerici e Accadici*, p. 614, nota n. 7.

⁶ Adivinho. CASTELLINO, Giorgio R. (a cura di). *Testi Sumerici e Accadici*, p. 547.

⁷ “*pašišu* (lett. ‘unto’), sumerico *gudu*, classe di sacerdoti” (CASTELLINO, Giorgio R. (a cura di). *Testi Sumerici e Accadici*, p. 310, nota n. 5).

⁸ Elas têm a finalidade direta de combater as insídias dos feiticeiros e bruxas.

1. Três têm um título sumérico:

Os deuses babilônicos não tinham o poder de eliminar os espíritos e forças do mal, mas podiam proteger seus adeptos de seus nefastos poderes, contanto que estes lhes fossem fiéis e não transgredissem as leis. Se, no entanto, transgredissem as leis, eles ficariam privados da proteção divina. Assim, entre os babilônios, a cólera divina, espíritos maus e doenças formam um tripé sobre o qual se construiu a noção e a realidade do pecado⁹.

Entre os egípcios isso tudo era menos complexo. O pecado era visto como uma ofensa à divindade e significava a perda dos favores divinos. Para se poder novamente gozar dos favores divinos, bastava que o pecador reconhecesse seu pecado ou, se já havia passado para a outra vida, se declarasse inocente para se ver livre das suas conseqüências¹⁰.

a. *Udug-hula-meš* (“espíritos maus”);

b. *Sag-gig-ga-meš* (“dor de cabeça”);

c. *Asag* (acádico: *Asakku* = “aquele que bate o braço”, identificado como o demônio das doenças (CASTELINO, Giorgio R. (a cura di). *Testi Sumerici e Accadici*, p. 99).

Um exemplo de esconjuro contra *Asag*:

“*Namtar* cattivo, *Asakku* maligno, *malattia* maligna,

Fatture cattive, *sporcizia*, *affezione* del pele;

febbre, *itterizia*,

faccia cattiva, *lingua* cattiva,

dalla sua casa se ne escano” (CASTELLINO, Giorgio R. (a cura di). *Testi Sumerici e Accadici*, p. 335).

2. Duas com título acádico: *Maqlû* e *Šurpû* (“queima”). São resenhas de esconjuros e procedimentos estritamente mágicos de magia branca contra a magia negra. Um exemplo de *maqlû* com uso de óleo:

‘Ti ho unto con olio vitale,

ti ho applicato lo scongiuro di Fa, signore di Eridu, Ninšikug.

Ho scacciato l’*Asakku*, l’*aḥḥazu*.

I brividi febbrili dal tuo corpo” (CASTELLINO, Giorgio R. (a cura di).

Testi Sumerici e Accadici, p. 627).

⁹ MATTIOLI, Anselmo. *Dio e l’uomo nella Bibbia d’Israele*, p. 252 (n. 199).

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 252-253 (n° 199).

b) O pecado em Israel

A noção de pecado não é uma criação de Israel. Ela foi incorporada a partir da religiosidade dos povos no meio dos quais Israel começou a viver. A originalidade de Israel está na superação do politeísmo. A fé monoteísta fornece, no entanto, uma dimensão nova. Essa acentuava progressivamente, não só a gravidade e a universalidade do pecado, mas também suas funestas conseqüências¹¹.

Apesar de as expressões usadas para pecado terem sido extraídas, no mais das vezes, da vida profana, sua fundamentação provém de uma concepção religiosa global que liga o ser humano a Deus, ao povo e às instituições. As faltas, nesse sentido, interessam à vida do indivíduo e da nação. Elas se referem tanto à observância de um rito ou de uma lei, como ao comportamento moral, social e político¹².

A história mais antiga de Israel aborda o ser humano como um ser limitado em suas possibilidades: é limitado pela morte; é limitado por sua caducidade. É também limitado por sua falibilidade e por sua capacidade de deturpar algo ou insubordinar-se. Essa limitação tem conseqüências nas relações com Deus e com os outros. A falibilidade, além disso, perturba, destrói e obstaculiza as relações¹³. Como se pode perceber, o pecado é causa das desarmonias vigentes, visto que perturba as relações normais entre as criaturas. O pecado torna-se um atentado contra a criação como um todo, pois desrespeita a integridade da criação e o valor intrínseco que cada criatura tem em si mesma¹⁴.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 253 (nº 199).

¹² VIRGULIN, Stefano. Pecado. In *NDTB*, p. 1429.

¹³ WESTERMANN, Claus. *Teologia dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 1983. Coll.: Antico Testamento. Supplementi 6, p. 160.

¹⁴ INSTRUMENTOS DE PAZ, *Subsídio Franciscano sobre Justiça, Paz e Integridade da Criação*. São Paulo: Loyola (impresso para Conferência dos Frades Menores do Brasil, Petrópolis — RJ), 2000, p. 132.

O delito do pecador, para os antigos, não atingia somente o réu. Além de, primeiramente, atingir a Deus, atingia, também, todo o seu entorno, i. é, sua família, seu clã, seu povo, sua terra. Ele atingia não apenas os seres humanos, mas igualmente os animais, o conjunto dos bens materiais, como também, já mais distante, seus vizinhos e até a harmonia do seu meio ambiente¹⁵. Em outras palavras, o pecador provocava um pandemônio em tudo aquilo com que tinha alguma relação direta, e provocando, indiretamente, inclusive, um curto-circuito em toda a criação.

No período antigo de Israel, todos os membros do clã viviam dentro de uma unidade inseparável. Sabiam que sozinhos não podiam sobreviver. Isso provocava um grande medo, pois estar sozinho significava correr o risco de vida.

O indivíduo expressa o estado da comunidade. O contrário também é verdade. A culpa, tanto do indivíduo como da comunidade, influencia as relações mútuas. O indivíduo sofre as culpas da comunidade. Israel era uma totalidade que o indivíduo espelhava¹⁶.

¹⁵ KNIERIM, Rolf. *Die Hauptbegriffe für Sünde im Alten Testament*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1965, p. 99.

¹⁶ “Das gilt auch für das Verhältnis zwischen Gemeinschaft und Einzelpersonen. An ‚Wesen‘, ‚Macht‘ und ‚Segen‘ des soziologischen Ganzen haben alle die Einzelnen teil, und dieses ‚Wesen‘ kann in gewissen wichtigen Augenblicken konzentriert in der Einzelperson, die das Ganze repräsentiert, gegenwärtig sein, z. B. im Häuptling, König oder Seher-Priester. Dieses ‚Ganze‘ ist das Eigentliche, was sich mehr oder weniger vollständig in den Einzelnen offenbart. Israel ist ein solches jederzeit existierendes Ganzes, das sein Wesen sowohl im Stammvater als auch in den einzelnen historischen Erscheinungen des Volkes und in seinen einzelnen Gliedern zeigt. Die Aufgabe des Einzelnen ist, dieses Wesen, den israelitischen Typus zu verwirklichen” (MOWINCKEL, Sigmund. *Religion und Kultus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1953, p. 17).

1 Desintegração na relação com Deus

Foi visto que o ser humano é um ser em relação. Pergunta-se, então: por que as relações do ser humano com seu meio nem sempre estão bem? Entre as causas está aquela que genericamente é chamada de pecado. Se o salmista se obriga a pedir perdão a Deus é porque o pecado ocasionou uma desintegração das relações. Por isso pode ser perguntado: como o pecado pode ser um agente de desintegração das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com o próximo e, especialmente, com Deus e, pelo menos indiretamente, também, com a natureza?

A desintegração das relações entre o ser humano e Deus é a mais grave consequência do pecado, visto que essa quebra de relação terá consequências sobre todas as outras relações. Essa desintegração ou desestruturação provoca um rompimento e, especialmente, um endurecimento nas relações entre ambos. Tal atitude faz com que o ser humano rechace a Deus. Na Bíblia, muitas imagens espelham essa obstinação: um coração embotado¹⁷, um coração obcecado¹⁸, um coração incircunciso¹⁹, um coração de pedra²⁰, ouvidos tapados²¹, uma dura cerviz²². Porém, deve-se levar em conta que o semita dificilmente distingue entre a vontade positiva de Deus e a vontade permissiva²³. Esses textos falam de um endurecimento do coração e da constatação de uma cegueira e uma surdez voluntária dos olhos e dos ouvidos do ser humano, por parte de Deus. Com isso não quer significar uma rejeição do ser humano, por parte de Deus, mas muito mais expressar um juízo sobre o estado de pecado. O pecado identificado

¹⁷ Is 6,10.

¹⁸ Is 6,10; 29,10.

¹⁹ Dt 10,16; Jr 4,4; 9,25; Ez 44,9.

²⁰ Ez 11,19; 36,26.

²¹ Is 6,10; Jr 6,10; Zc 7,11.

²² Ez 32,9; Dt 9,6; Jr 7,26.

²³ VIRGULIN, Stefano. Pecado. In *NDTB*, p. 1435.

como *’āwōn* é um indício para isso. Esses textos mostram os frutos do estado de pecado, expressam o afastamento de Deus e a inexistência de uma conversão. O querer permanecer afastado de Deus, o endurecimento não retiram a responsabilidade do ser humano. Os salmos penitenciais, quando expressam as conseqüências do afastamento de Deus, por causa do pecado, as apresentam como dramáticas e desesperadoras. Eles expressam o medo da ira de Deus e o conseqüente castigo. Eles fazem-no de diversas formas.

Os Sl 6, 102 e 143 não usam nenhum dos termos para identificar pecado. São salmos que falam das conseqüências que as doenças deixam sobre o sofredor. O Sl 143 acentua mais os sofrimentos, por meio das perseguições dos inimigos. O pecado provoca perseguições de inimigos e o afastamento de amigos (Sl 38,12-13). As doenças, no AT, são habitualmente vistas como conseqüência de pecado. O salmista sente-se castigado, também por meio de doenças, de modo especial na *bāsār*. No Sl 38, isso é descrito com maior fineza, pois o orante desse salmo diz claramente que as doenças são conseqüência de seus pecados.

No Sl 6 as conseqüências do pecado se manifestam nos ossos. Estes são a estrutura de sustentação da *bāsār*. Eles tremem. Eles simbolizam, ainda, que todo o ser psicossomático do salmista estremece. O salmista usa, nos dois casos, o verbo *נבהל* *nībhal* (nif. de *נבל*) tremer, estremece, etc. (v. 3-4)²⁴. O medo de ser abandonado por Deus é expresso por meio de “uma reação emotiva de alguém que é surpreendido por algo inesperado, ameaçador ou desastroso”²⁵. A expressão de súplica (Sl 6,3.5) é motivada pelo medo da morte. O medo e o pavor deixam o gemebundo no leito e banhado em lágrimas. Limberg, referindo-se

²⁴ ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, in loco.

²⁵ MARTENS, Elmer A. *נבהל (bāhal) ser perturbado, perturbar, alarmar, aterrorizar; apressar*. In *DITAT*, p. 153.

ao Sl 38, diz que é “*a text of terror*”²⁶. Alonso Schökel fala de um estado de desconcertamento e de desordem²⁷. O que faz estremecer não é apenas o medo da morte. Existe algo muito mais profundo. A doença física passa a ser também metafórica. Ela expressa um peso que tem suas raízes na consciência do salmista. Ele tem medo de desaparecer para sempre. Nesse caso, as dimensões psicossomáticas estão mutuamente relacionadas.

Numa ordem cronológica, assim se pode ver a interpretação que foi dada a respeito do Sl 38,3b: “*Sobre mim abateu-se tua mão*”. Remígio vê o pecado como um peso continuado sobre o dolente²⁸. Para Rufino, a mão de Deus é aquela mão que atingiu o primeiro ser humano²⁹. É um peso quase insuportável que o oprime³⁰. Eusébio de Cesaréia, vinculando mãos com as flechas, as entende também como a palavra de Deus que se encarregava do suplício³¹.

Calvino vê que o castigo sofrido pelo ser humano por causa da deteriorização da sua relação com Deus é sentido como se fossem flechas e mãos atingindo o orante. Como este não está convencido disso, ele não sabe onde bater para procurar auxílio.

²⁶ LIMBURG James. *Psalms*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2000, p. 16.

²⁷ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos I* (Salmos 1-72). Tradução, Introdução e Comentário. São Paulo: Paulus, 1996. Col.: Grande Comentário Bíblico, p. 179.

²⁸ “*Confirmasti super me manum tuam, id est, fecisti meam poenam continuam*”. REMIGII, Enarrationum in Psalmos. In *PL 131*, 342.

²⁹ “*Manum autem suam Dominus super nos confirmat, quia poena peccati, qua primum hominem percussit*”. (RUFINI Tyranni Commentarium in LXXV Psalmos. In *PL 21*, 784).

³⁰ “*Manus Domini accipitur pro divina vindicta, unde manum tuam longe fac a me, et formitudo tua non me terreat* (Job 15)” (INNOCENTII III Papae Commentarium in Septem Psalmos Poenitentiales. In *PL 217*, 1030).

³¹ “*Verum alia manus erat, et aliae sagittae quae carnem et corpora ejus attingebant... imo vero ipsa Dei verba, quae animam pungebant et de conscientia ejus supplicium sumebant*” (EUSEBII PAMPHILI Commentaria in Psalmos. In *PG 23*, 341).

Calvino crê que apenas um em cem é capaz de discernir que a doença e castigo são causados pela mão de Deus em consequência dos pecados. Além do mais, diz ele, o ser humano, que analisa o desconforto apenas pela dor que produz, não é diferente dos animais do campo³². Lutero diz que não são apenas palavras e ameaças iradas que penetram profundamente no coração, mas também são ações divinas que oprimem pesadamente o orante, causando-lhe um enorme desconforto³³. “No Antigo Testamento, quando se faz alusão à mão de Deus, o símbolo significa *Deus na totalidade de seu poder* e de eficácia. A mão de Deus cria, protege; ela destrói, se a ela se opõe”³⁴.

Como se pode ver, a mão de Deus designa tanto o poder de salvar como o de punir (Sl 21,9). A mão de Deus dia e noite pesa sobre os pecadores (Sl 32,4)³⁵. Ela expressa, não somente uma agressão externa ou o enorme e imobilizador peso que parece esmagar o corpo todo, mas também o quase extremo estado de impotência que pervade o ser humano, deixando-o como imobilizado e sem condições de agir e de tomar iniciativa. Ela tem o sentido de ser um peso constante sobre o ser humano que o leva a uma situação de quase insuportabilidade. A mão de Deus tem o objetivo de fazer acordar³⁶. A mão de Deus quer ser uma pedra de tropeço diante daquelas ações humanas que acontecem longe dos objetivos divinos ou contra seus mandamentos. Ela quer ser uma pedra de tropeço que faz com que o sofrente se dê conta,

³² CALVINO, João. *O Livro dos Salmos II*. São Paulo: Paracletos, 1999, p. 177.

³³ LUTHER'S WORKS 14. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1958, p. 157.

³⁴ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1988, p. 581.

³⁵ LURKER, Manfred. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993. Série: Dicionários, p. 146.

³⁶ “Per metaphoram ductam a caedentibus, multasque plagas incutientibus” (THEODORETI Cyrenis Episcopi Interpretatio in Psalmos. In *PG 80*, 1138).

como diz S. Paulo, de que não adianta lutar contra o aguilhão. Em suma, ela quer, de forma pedagógica, fazer emergir na consciência do ser humano as opções e caminhos errados que ele está trilhando. A mão de Deus revela ao homem o caos em que ele está vivendo e a forma que Deus usa para mostrar-lhe quão pesado é ao ser humano afastar-se de Deus. A mão de Deus mostra-lhe o quão fatigoso é ter que carregar um peso que o esmaga e, por isso, retira-lhe toda a qualidade de vida e o obriga a arrastar-se sob um peso insuportável.

O salmista do Sl 51, nos v. 5-7 especialmente, derrama diante de Deus as diferenças que ele tem com Deus. Ele *conhece* e *reconhece* יָדָא *yāda* ‘ as transgressões cometidas contra Deus. O salmista experimenta sua culpa na própria carne e no seu âmago. O pecador toma consciência do mal feito e, como consequência, da quebra de relações com uma opção diferente daquela de Deus³⁷. O salmista reconhece diante de Deus a ambivalência da vida humana desde o primeiro pecado, ou seja, de sua tendência para o mal (Gn 8,21). Ele tem consciência de que pode opor-se ao próximo (Gn 4) e a Deus (Gn 3)³⁸. O Sl 38,18 reforça isso dizendo: “*O meu tormento está sempre à minha frente*”. Quando o salmista diz que “*diante de mim está sempre o meu pecado*” (Sl 51,5b), ele alude a duas metáforas, isto é, a do pecado, como praga incurável³⁹, e a do pecado como tentação⁴⁰. O pior inimigo do ser humano não são as doenças e nem as calúnias dos inimigos, mas é o pecado. É como um mal interior que atormenta e

³⁷ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*. Volume II (51-100). Commento e Attualizzazione. 7. ed. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1996. Coll.: Lettura pastorale della Bibbia, p. 41.

³⁸ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*. Freiburg; Basel; Wien: Akzente; Herder, 1997, p. 408.

³⁹ “*Meu tormento está sempre à minha frente*” (Sl 38,18) e “*minha desonra está todo dia à minha frente*” (44,16).

⁴⁰ Sl 17,11-12; 22,13-14; Gn 4,7.

corrói e que está sempre presente no ser humano: ele se levanta com ele, caminha com ele e nele vive⁴¹.

Apesar de o orante manifestar uma altíssima sensibilidade moral e psicológica, o acento predominante é teológico. O pecado, antes e acima de tudo, é uma postura contra alguém, e, no caso (ḥ l^e-), contra Deus. É uma postura que reconhece e proclama, com insistência, a pessoalidade da relação pecaminosa, como ele o afirma: “*Pequei contra ti contra ti somente*” (Sl 51,6a). Com isso o orante não está querendo ignorar o pecado contra o próximo e a comunidade. Isso seria impensável no mundo do Antigo Testamento. O que o orante está mesmo querendo fazer é radicalizar o pensamento profético o qual afirma que aquele que ofende a dignidade e o direito dos seres humanos ofende também o direito de Deus⁴². Este é um pensamento muito caro aos profetas⁴³. Quando diz: “*Pratiquei o que é mau aos teus olhos*” (Sl 51,6b), não faz outra coisa senão ressaltar, com uma frase de modelo deuteronômico, a qualidade teológica do pecado⁴⁴. O ser humano é a única criatura que pode, através de sua liberdade, opor-se a Deus, subtraindo-se à relação que o mantinha em sintonia com Deus. É a única criatura que pode subtrair-se do plano de salvação existente para a história. O pecado é um brutal rompimento da aliança e quebra a paz instaurada entre Deus e sua criatura. O pecado suprime a comunhão entre Deus e o ser humano e o abandona às forças que se opõem a Deus⁴⁵. O pecado torna-se, assim, na linguagem dos profetas⁴⁶, um adultério. Ele arruína o amor, que é esquecido e descartado. O pecado viola os

⁴¹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 42.

⁴² ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 408.

⁴³ Is 1,17,23; 10,2; 29,31; Jr 5,28.

⁴⁴ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 42.

⁴⁵ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme II. Étude textuelle littéraire et doctrinale. Introduction et Premier Livre du Psautier. Psaumes 1 à 41*. (Bélgica): Duculot, 1975, p. 165.

⁴⁶ Os 2; Ez 16.

direitos do próximo e por isso ofende a Deus diretamente, pois ele é o defensor da justiça, como o decálogo o demonstra. O pecado quebra as relações de amor a Deus e o amor ao próximo. Os profetas não se cansam de recordar que o pecado da injustiça contra o próximo é uma *hybris* contra Deus que é o *go'el*, ou seja, o protetor, o advogado, o defensor dos pobres, dos fracos, das vítimas de todo e qualquer tipo de injustiça⁴⁷.

O Sl 51,6cd⁴⁸ diz: “*Tens razão, portanto, ao falar, e tua vitória se manifesta ao julgar*”(BJ). Isso quer dizer que Deus, ao perdoar, manifesta seu poder sobre o mal e sua vitória sobre o pecado. A raiz זָדַק *zādaq* significa ser justo, inocente ou ter razão ou direito. O ser justo é, acima de tudo, uma qualidade pessoal de Deus que comporta salvação e amor, ou seja, é a própria realidade de Deus que, através da confissão do orante, emerge com toda sua transparência⁴⁹. E continua Ravasi: “Deus é *inocente* quando emite sua sentença (*dbr*), *tem razão* (*zkh*) no julgamento. O orante, no entanto, reconhecendo esta inocência de Deus, apela para seu juízo salvador”⁵⁰. E Ravasi, citando Alonso Schökel, continua dizendo que o que está em jogo “não é a justiça de um juiz, mas a inocência de uma das partes: o salmista não apela para a justiça que deve condenar o culpado, mas à misericórdia que perdoa o penitente”⁵¹.

O pecador reconhece o direito de Deus em castigar, mas ao mesmo tempo sabe que Deus, inocente e justo, diante de um coração arrependido, é salvador. A realidade do pecado, através das conseqüências que provocam no ser humano, abre os olhos

⁴⁷ Is 2,7; 3,13-15; 29,21; Am 2,6ss; 3,9ss; 4,1-3; 5,7.10-11; 6,4-5; Mi 2,1-5; 3,1-4; 6,6-8; Ez 22, etc.

⁴⁸ Para a história da interpretação, cf. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 43-44.

⁴⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 44.

⁵⁰ Id., *ibid.* 44.

⁵¹ ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Treinta Salmos: Poesía y oración*. Madrid: Cristiandad, 1981. Col.: Estudios del Antiguo Testamento II, p. 216.

deste mesmo ser humano para uma outra realidade, a realidade de Deus. Ele começa a dar-se conta de algo até então não suficientemente experimentado, ou seja, não degustara suficientemente a graça de Deus que não deixa o ser humano sozinho com seu pecado⁵².

O Sl 51,7⁵³ ao dizer: “*Eis que eu nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me no pecado*”, está querendo exprimir todo o arco da existência humana até à morte⁵⁴. O orante tem consciência de que o pecado se aninha nos meandros mais profundos da existência do ser humano⁵⁵. O pecado se aninha no âmago do ser humano. Ele é um peso que o salmista coloca diante de Deus, a fim de que Deus o compreenda. O orante desvela diante de Deus seus limites, tanto criaturais como morais. Eles provocam uma irremediável tensão entre ele e a infinita perfeição divina. No entanto, esse mesmo orante está ciente de que o perdão e a graça divinas podem desencadear as condições para criar uma ponte entre o finito e o infinito. Essa confissão não é nem apolo-gética e menos ainda demagógica. Ela contém a certeza de que a irrupção da graça divina anula a maldição contra o ser humano. Ela desencadeia a bênção⁵⁶. Isso é possível, porque o poder do amor é maior do que o do pecado.

Um outro momento no qual se percebe que o salmista sente as conseqüências do pecado é quando ele solicita que Deus não retire seu espírito de santidade *שְׁרִיטָה* *qōdeš* (Sl 51,13) e não o rejeite *הִשְׁלִיךְ* *hīšlīk* (hi. de *שָׁלַח*), afastando-o para longe de sua face. A conseqüência da perda do espírito de santidade e o

⁵² WEISER, Artur. *Os Salmos*. S Paulo: Paulus, 1994, p. 300.

⁵³ Para a história da interpretação, cf. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 46-47.

⁵⁴ Jr 1,5; Is 49,1.5.

⁵⁵ “Que criatura de barro pode fazer maravilhas? Está em pecado desde o seio materno, e em iniquidade culpável até sua velhice” (Hino IV,20-30). In GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 381.

⁵⁶ Gn 3,17; 4,11: maldição. Gn 12,2-3: bênção da nova humanidade.

ce. A conseqüência da perda do espírito de santidade e o distanciamento de sua face seria uma catástrofe total (Is 63,10). Existem passagens onde o salmista clama, para que Deus não esconda sua face (Sl 44,25; 143,7). Ser abandonado por Deus significava ser entregue aos desmandos e à imprevisibilidade. Significava ficar sem orientação, sem um farol que possa servir de guia, etc. Significava ser entregue nas mãos de poderes outros com os quais, por pior que o ser humano pudesse ser, este mesmo ser humano com eles não compactuaria. Isso significaria ser entregue ao nada⁵⁷.

O conceito bíblico de santo é, acima de tudo, ontológico, pois supõe uma consagração e uma separação do profano⁵⁸. Quando o orante suplica que Deus não retire dele seu espírito de santidade, ele tem presente que esse espírito é o hálito de sustentação vindo de Deus⁵⁹. Sem esse hálito, o caos retorna sobre o criado e, de modo especial, retorna com toda sua força sobre o ser humano. As conseqüências da ausência do espírito de Deus serão catastróficas para o indivíduo pecador. O ser humano, sem o espírito de Deus, perde sua referência, seu sentido, seu interlocutor, visto que Deus é espírito. O ser humano, que opta por viver longe da presença de Deus, faz com que Deus, por assim dizer, se desinteresse por ele e o abandone à sua fatal decadência, visto que a ligação com a *rûah* de Deus foi cortada⁶⁰. Quando Deus deixa seu espírito de santidade vingar no ser humano, este pode viver “em santidade”, ou seja, Deus e o ser humano podem viver em simbiose, de tal jeito que se torna impossível o pecar tanto contra Deus como contra o ser humano⁶¹.

⁵⁷ Sl 27,9; 71,9; Is 59,2; Jr 7,15; Jó 3,4.

⁵⁸ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 52.

⁵⁹ Gn 2,7; 7,22; Nm 27,16.

⁶⁰ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme II*, p. 178.

⁶¹ “Wenn Gott seinen ‚heiligen Geist‘ in ihm wirken lässt, kann er ‚heilig‘ leben, d. h. in jener intensiven Lebensgemeinschaft mit dem Heiligen Gott,

Outro salmo que claramente mostra o efeito do pecado nas relações com Deus é o Sl 130: “*Se fazes conta das culpas, Iahweh, Senhor, quem poderá se manter?*” (v. 3). Claramente coloca a ruptura que o pecado causa frente a Deus. O salmista encontra-se como que dentro do profundo redemoinho das águas da morte, isto é, dentro do caos primitivo. Agora carrega no corpo e na alma o peso de seus atos. Palmilha o caminho da autodestruição de onde sozinho não consegue libertar-se⁶². O pecado provoca uma dinâmica de malignidade que sempre mais profundamente esmaga o ser humano⁶³. Esta é a realidade mais radical que perpassa a Bíblia. Por si mesmo, o ser humano não consegue manter-se de pé. Todo o ser humano é pecador e como pecador pode recusar a salvação e se autodestrói e destrói também os outros (Gn 6,5.11s). Mas, de outro lado, a Bíblia apresenta Deus como aquele que tem o poder de quebrar os poderes da morte⁶⁴, porque é próprio dele a preparação para o perdão e é, também, o próprio perdão⁶⁵. A vontade de Deus de perdoar e salvar é sem limites⁶⁶.

A consciência do pecado, portanto, pode estar unida à fragilidade criatural, mas, principalmente, é consequência do livre-arbítrio. Apesar de tudo, no entanto, a autoconsciência da universalidade do pecado jamais é alienante ou desesperadora, porque sempre permanece uma abertura em direção à salvação e libertação⁶⁷. Não se pode privar o Criador da faculdade de ter satisfação em salvar suas criaturas. Ele é misericórdia⁶⁸. S. Agosti-

dass die Sünde gegen Gott (und gegen die Menschen) unmöglich wird” (ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 410).

⁶² ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 399.

⁶³ Sl 38,5; 65,4; 107,17.

⁶⁴ Gn 8,21s; 9,11-15.

⁶⁵ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 399.

⁶⁶ Is 1,18-19; 44,22; Jr 3,12-25; 33,8; Ez 18,21-23.

⁶⁷ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 643.

⁶⁸ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme III*, p 504.

nho o expressa magistral e concisamente: “Se, portanto, não se encontra coração casto que presuma de sua justiça, presumam todos os corações da misericórdia de Deus”⁶⁹.

O ambiente de pecado é contagioso. A falibilidade do ser humano atinge todo o ambiente circunstante, pois provoca também escândalo. Pode contaminar toda uma relação. Pode tirar a noção do que é certo ou errado. O viver ou não a pureza de coração é uma incerteza constante (Sl 51,12), como o é o acertar ou o errar. Isso leva a viver um estado de imperfeição⁷⁰. Parece que esses salmos nadam dentro de um contexto de pessimismo. No entanto, o que eles querem alertar é para a fragilidade da criatura mais semelhante com o Criador. Os salmos penitenciais, e especialmente os salmos 51 e 130, querem inculcar a humildade, a consciência da criaturalidade do ser humano. Eles querem apenas trazê-lo para seu húmus⁷¹ ou seja, a humilde condição terreal. Nesse sentido, esses salmos querem chamar a atenção, a fim de o ser humano ter consciência de suas atitudes. Ele deve viver e não se deixar viver. Em outras palavras, ele deve estar ciente de sua responsabilidade frente a Deus.

⁶⁹ S. AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos III*, p. 709. “Si ergo cor castum non potest inveniri, quod praesumat de sua Justitia; praesumat cor omnium de Misericordia Dei”. (AUGUSTINI, Aurelii 5. Enarrationes in Psalmos. In *PL* 37, col. 1697).

⁷⁰ “Er macht dadurch klar, dass diese sich nicht nur gegen eine bestehende Beziehung, sondern gegen ihn selbst richten. Sie treffen ihn persönlich. Er kennt die vielen Verfehlungen (Am 5,12) und ihre Schwere (Gen 18,20). Es nützt Juda nichts, sie abzustreiten (Jer 2,23); sie sind in die Tafel ihres Herzens eingeschrieben (Jer17,1)” (SCHREINER, J. *Theologie des Alten Testaments I*. Würzburg: Echter, 1995. Col.: Die Neue Echter Bibel. Ergänzungsband 1. zum Alten Testament, p. 250).

⁷¹ *Húmus*, terra, solo; *humilis* e seus compostos também são derivados de húmus. HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon. *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa II*, p. 2175.

2 Desintegração na relação consigo mesmo

Quando se fala das relações do ser humano consigo mesmo, deve-se ter presente um ser humano composto de múltiplas dimensões. Estas devem estar mutuamente integradas. O pecado é causa de desintegração dessas relações.

O pecado está ligado a motivações que têm suas origens nas opções do ser humano. Não se pode, de um lado, ignorar que existem causas naturais, que provocam uma má qualidade de vida. De outro lado, porém, falar de qualidade de vida, sem falar do ser humano que é um agente de decisões, de opções, de motivações, se torna impossível⁷². Não existe um acontecer apenas, mas um suceder-se, através de causas e efeitos, desde tempos imemoriais. Existem leis próprias que fazem o acontecer no mundo irracional. Com o surgimento do ser humano, o último a aparecer na cadeia evolutiva até hoje, novas leis entram em jogo. Agora existe uma vontade que está em jogo. Existem objetivos conscientes. A evolução toma-se passível de ser conduzida⁷³. Os autores dos salmos penitenciais deixam entrever a capacidade de o ser humano, através de vontade própria e através de opções livres, tomar decisões conscientes e optar por caminhos que ferem os planos de Deus gerando, conseqüentemente, situações de conflito em que a história humana é perturbada pelo pecado⁷⁴. Essas

⁷² “O homem, porém, não pode voltar-se para o bem, a não ser livremente. Os nossos contemporâneos exaltam e defendem com ardor essa liberdade. E de fato com razão. Contudo, eles a fomentam muitas vezes de maneira viciada, como uma licença de fazer tudo que agrada, mesmo o mal. A verdadeira liberdade, porém, é um sinal eminente da imagem de Deus no homem” (*Gaudium et Spes*, 17).

⁷³ “Exercitando a sua inteligência diligentemente através dos séculos, nas ciências empíricas, artes técnicas e liberais, o homem de fato progrediu. Em nosso tempo, sobretudo pesquisando e dominando o mundo material, o homem conseguiu notáveis resultados... Impregnado de sabedoria o homem passa das coisas visíveis às invisíveis” (*Gaudium et Spes*, 15).

⁷⁴ GS, 40.

situações de conflito deixam suas marcas no agente e também na comunidade onde ele convive⁷⁵. Pergunta-se: em que medida o próprio ser humano, os outros seres humanos e as criaturas em geral são atingidas pela ruptura das relações de dependência mútua ou simbiótica por causa do pecado do ser humano? Isso se querará mostrar nos próximos parágrafos. Querer-se-á perceber o nexó existente entre o pecado e suas conseqüências. Muitas vezes se chegou até à idéia de que o pecado era responsável por cada calamidade acontecida.

2.1 Desintegração da dimensão espiritual: a *rûah*

Os Sl 32, 51 e 130 usam ao menos um dos termos empregados, dentro dos salmos penitenciais, para identificar pecado. O acento maior, nesses salmos, recai sobre dados psicoespirituais. O mal-estar da consciência, o remorso, a angústia, se disseminam por todo o ser do gemebundo, causando-lhe um tremendo desconforto. Os sentimentos por uma falta de qualidade de vida são expressos, não tanto através de sofrimentos físicos, mas, muito mais, por sentimentos psicoespirituais. Não são tanto os órgãos do corpo que falam, mas as angústias, as depressões, os estresses, as insatisfações, as incertezas, as desarmonias, as intolerâncias, a falta de paz, a falta de concórdia, a infelicidade, uma sensação de solidão e de abandono, as agressividades e incompreensões.

Essas sensações de desconforto contrastam com o estado de leveza patente no Sl 32, onde o salmista proclama a felicidade de quem é perdoado, ou seja, de quem não mais está sofrendo sob o peso da mão de Deus. Nesse salmo encontra-se uma teolo-

⁷⁵ “O homem está dividido em si mesmo. Por essa razão, toda a vida humana, individual e coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas” (*Gaudium et Spes*, 13).

gia do pecado⁷⁶. É feliz quem é reconhecido como leal, transparente, honesto, porque Deus o tornou assim⁷⁷. Uma das formas que simboliza o peso opressivo sofrido pelo pecador é a mão de Deus. É uma mão que exerceu um poder salvador, como o povo de Israel já sentira em momentos de libertação. Mas essa mesma mão é causa de uma desestruturação e de um caos no ser humano. Isso acaba por provocar uma aridez interior tão grande⁷⁸ que o salmista sente-se como que sendo consumido por um fogo alimentado com palha, em pleno calor do verão. A dor é de ordem psicoespiritual. A mão que pesa não é física. Apenas a cura da doença não aliviará o peso da mão. É necessária uma cura muito mais profunda, uma cura de ordem psicoespiritual⁷⁹.

Nos salmos penitenciais, a primeira vez que *rûah*⁸⁰ aparece é no Sl 32,2. Sendo esse salmo um salmo de ação de graças individual, a *rûah* vai aparecer de forma positiva: “*Feliz o homem..., em cujo espírito não há fraude*”. O homem em cujo espírito há fraude, portanto, é infeliz. O pecado provoca, segundo a visão do salmista, uma falta de qualidade de vida. O salmista trabalha, não num nível exterior onde se situam rituais e cultos de purificação. Estes podem ser formalistas. O salmista situa-se dentro do âmbito das realidades mais íntimas e profundas de onde promanam as propostas sapienciais do bem viver⁸¹.

Essa expressão de felicidade é uma demonstração de quanto o pecado significava de transtorno para o orante. Por isso

⁷⁶ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 18.

⁷⁷ “... non sola peccatorum remissio, sed et sanctificatio et renovatio interioris hominis... unde homo ex injusto fit iustus et ex inimico amicus” (DS 1528). Cf. ENCHIRIDION SYMBOLORUM.

⁷⁸ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 589.

⁷⁹ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme I*, p. 687.

⁸⁰ Alonso Schökel vê *rûah* nesse contexto, comparando-o com o Sl 51,12.14.19, como sendo a consciência. ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 480.

⁸¹ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme I*, p. 686.

a inclusão no Sl 32,1-2 dos três verbetes, que significam pecado⁸², mostra o quanto o perdão significou para esse ser humano. Ao mesmo tempo, no Sl 32,3-4, mostra o quanto de infelicidade lhe perpassava o âmago enquanto possuído pelo pecado. Por isso o salmista percebe o pecado como um entrave na sua vida. O salmista, ao mesmo tempo, percebe o peso inútil que ele arrastava. O pecado provoca uma letargia, faz gastar desnecessariamente energia útil com finalidades inúteis.

O Sl 51,12-14.19 usa quatro vezes o termo *rûah*. Ele, por três vezes, refere-se à *rûah* do ser humano e, uma vez, à *rûah* divina (v. 13). O contexto em que o termo é usado refere-se à recriação, à renovação ou à regeneração do ser humano. Este está às voltas com a perda de sua integridade. Nesse salmo também são usados os três verbetes que, dentro dos salmos penitenciais, significam pecado.

O Sl 51,12 solicita que Deus renove um espírito firme נָכוֹן *nākôn*⁸³ junto com a criação de um coração puro טָהוֹר *tāhôr*⁸⁴. É digno de nota que, no Sl 51, coração *lēb* e espírito *rûah* se complementam. Isso se evidencia, porque, em outros contextos, *nākôn* se aplica também ao coração⁸⁵. Isso é encontrado, p. ex., nos Sl 78,37 e 112,7. Nesses salmos, *firme* é aplicado ao coração, ou seja, que renove שִׁדְרָתָא *ḥadēš* ou produza no ser humano um coração capaz de conhecer e uma vontade firme capaz de uma ação conseqüente e dedicada⁸⁶ e não mais despreze a resposta a ser

⁸² פָּשַׁע (*peša'*), עוֹן (*'āwōn*) e חַטָּאת (*h'ā'āh*).

⁸³ O sintagma *rûah nākôn* usado no Sl 51,12, onde se usa o perf. niph.de כָּן *cwn* junto com *rûah*., tem o significado de firme, decidido, inabalável, corajoso.

⁸⁴ Puro, limpo, genuíno, autêntico, legítimo, sincero.

⁸⁵ “‘Herz’ und ‘Geist’ sind nach alttestamentlichem Denken die beiden Grundkräfte, aus und mit denen der Mensch lebt” (ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 409).

⁸⁶ Id., *ibid.*, p. 410.

dada através de Deus⁸⁷. O coração e o espírito são as duas forças fundamentais, por meio das quais o ser humano vive e sobrevive. O coração é a mediação por meio do qual ele ouve e se abre para Deus⁸⁸. As conseqüências de um coração obtuso, portanto, fazem com que a dimensão *rûah* do ser humano não mais perceba o certo e o errado. A união do espírito de Deus e do coração humano, onde habita o espírito do ser humano, quebra a separação entre o profano e o sagrado, diz igualmente Ravasi⁸⁹.

A devolução do júbilo *שִׂשׂוֹן* *sāsôn* acontece por meio de um espírito *נְדִיבָה* *n^edīybāh*, i. é, de disponibilidade (Sl 51,14). *N^edīybāh* indica generosidade, obediência, sintonia, iniciativa, nobreza interior, dinamicidade, visão do todo. O pecado é uma das causas da ausência dessas qualidades. Se o ser humano fica sem sintonia com Deus, caminhará por sendas diferentes das de Deus; fica sem sustentação e sem a coluna vertebral que o protege.

O Sl 51,19 assim reza: “*Sacrifício a Deus é espírito contrito, coração contrito e esmagado, ó Deus, tu não desprezas*”. Nada é mais destrutivo frente a Deus do que a quebra de relações, causada pelo pecado, entre Criador e criatura. Isso fará com que seja necessário o perdão da parte de Deus⁹⁰. Os orantes, porque oferecem a si mesmos como vítimas, se tornam, no mesmo gesto de oferecer, também sacerdotes.

O pano de fundo do v. 19 encontra-se também no Sl 15. Nesse salmo se deparam as disposições pessoais para poder apresentar-se diante de Deus. Exige-se honestidade e transparência. O pecado dificulta a aproximação com Deus. O pecado, portanto, leva a uma quebra das relações com tudo o que existe. Essa divisão, que acontece no interior do ser humano, faz com que ele não

⁸⁷ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 52.

⁸⁸ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 409.

⁸⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 56.

⁹⁰ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme II*, p. 182.

consiga perceber uma unidade em si mesmo, na criação e com Deus⁹¹. Essa quebra fundamental de unidade do ser humano faz com que ele não consiga ver a si mesmo como indiviso. Ele se vê, por assim dizer, como num espelho quebrado. O pecado faz com que o ser humano se perceba fragmentado em sua vida⁹². Essa quebra de unidade transparece também nos sacrifícios que ele faz. Por isso eles são muitas vezes desprezados por Deus. Eles não expressam uma unidade de vida; são apenas celebrações vazias e formalísticas; mostram a divisão existente no ser humano. Nesse caso, por causa do pecado, revelam-se geralmente maus. A integridade do ser humano deve passar por uma sintonia em todas as suas dimensões. O orante, por um lado, está sofrendo com uma falta de rumo, de orientação, de direção e de rota em sua vida. Sacrifícios feitos com espírito e coração contritos, por outro lado, fazem com que o símbolo sagrado e a realidade não estejam mais divididos, mas unifiquem todas as dimensões do 'eu' autêntico do ser humano⁹³.

O termo *rûah* acha-se também no Sl 143,4.7.10. Nos v. 4 e 7, aparece como alento, como sopro vital, como hálito do ser humano. No v. 10, o termo significa o espírito de Deus.

No Sl 143,2, o orante pede que Deus não entre em julgamento com seu servo. Isso faz concluir que o orante está em falta com seu Deus e pode, por isso, ser abandonado e alijado de sua presença. No v. 3, são os inimigos que perseguem, externamente, o orante. O v. 4 desvela um estado de devastação interior e exte-

⁹¹ "Similar statements in the Psalms which are said to be critical of the cult may in fact show an inner change in favour of a more open, spiritual Torah centered more on ethical and social life and thus on a liturgical practice focused on the individual in the community" (GERSTENBERGER, Erhard S. *Theologies in the Old Testament*. Minneapolis: Fortress Press, 2002, p. 253).

⁹² KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I. Teilband. Psalmen 1-59*. (5. Grundlegend überarbeitete und veränderte Aufl.). Neukirchener Verlag, 1978. Col.: Biblischer Kommentar Altes Testament, Band XV/1, p. 548.

⁹³ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 56.

rior. No v. 7, novamente o esconder-se de Deus é constatado como algo ameaçador. Isso acontece, porque o orante, sentindo que o contato com a *rûah* de Deus foi cortado, não mais está em sintonia com Deus. O orante sente a vida fugir-lhe das mãos. Como Deus é a única fonte da vida, quando ele esconde sua face, o xeol como que se precipita sobre o orante⁹⁴. Para os seres vivos como um todo, o Sl 104,29 fala que, se Deus retira o seu alento, eles retomam ao seu pó, ou seja, à sua origem. Se Deus esconde do indivíduo seu santo espírito, como já o escondera do povo como um todo, pois este se afastara da aliança do êxodo, a perseguição, o silêncio e afastamento de Deus tornar-se-ão o pão nosso de cada dia, O afastamento de Deus por causa do pecado faz com que o ser humano sintam-se como que envolvido pelas trevas e pela morte. Se alguém peca e não reconhece seu pecado, é como se estivesse morto e perfeitamente morto, diz São Jerônimo⁹⁵. Como se pode perceber, a presença de Deus para o orante sintetiza a presença da *rûah* de Deus para o salmista. Sem Deus, o orante fica sem a *rûah*, ou seja, ele está morto e desceu ao xeol. Sem o espírito de Deus que é bom, há o esmorecimento e a prostração do ser humano (v. 4.7)⁹⁶.

Deus e o ser humano têm em comum a *rûah*. Apesar de a *rûah* divina e a humana não serem iguais, ela possibilita ao ser humano perceber em si a imagem e semelhança de Deus. Sem a *rûah*, o ser humano perde a dimensão divina⁹⁷ e fica sem refe-

⁹⁴ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 890.

⁹⁵ “Si quis autem peccans non agit poenitentiam, hic mortuus est..., perfecte mortuus” (HERONYMI, S. Eusebii Breviarium in Psalmos. In *Pl* 26, col. 1240).

⁹⁶ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos II*, p. 1622.

⁹⁷ “Wer ‚Geist‘ hat, hat Anteil an Gottes ‚Geist‘, der durch den ‚Geist‘ den Menschen befähigt, an seiner Stelle (als Prophet, als König, als Charismatiker) zu reden und zu handeln” (ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 409).

rência. A *rûah* possibilita que Deus e o ser humano não se estranhem, mas se reconheçam.

2.2 Desintegração da identidade: *nepes̄*

O pecado desestrutura a unidade das dimensões que formam a personalidade do agente de pecado. Os termos principais usados nos salmos penitenciais, para indicar pecado *ḥāṭā'*, *peša'* e *'āwōn*, não indicam somente o pecado, mas também o efeito do pecado. Este é um peso que atinge profundamente a consciência do seu agente⁹⁸ e faz com que seu coração se descompasse⁹⁹. O pecado é também um tormento do qual o ser humano não consegue libertar-se¹⁰⁰. Jeremias assim se expressa: “*O pecado de Judá está escrito com estilete de ferro; com ponta de diamante ele está gravado na tabuinha de seu coração*” (17,1). Confirma Ezequiel que o pecado é como “*panela toda enferrujada, cuja ferrugem não sai*” (Ez 24,6). Essas metáforas indicam o estrago que o pecado faz. Ele corrói seu agente. A pessoa que o comete passa por um processo de desestruturação pessoal. Ele compromete o ser humano e corrompe a pessoa do pecador. Isso faz o salmista gritar: “*Tens razão, portanto, ao falar, e tua vitória se manifesta no julgar*” (Sl 51,6). Isso tudo torna o ser humano impuro para participar do culto¹⁰¹.

⁹⁸ Gn 4,13; Is 1,4; Sl 38.

⁹⁹ 1Sm 24,6; 2Sm 24,10.

¹⁰⁰ VIRGULIN, Stefano. Pecado. In *NDTB*, p. 1434.

¹⁰¹ Id., *ibid.*, p. 1434.

O Sl 6,4-5, ao falar dos sofrimentos físicos, conclui que todo o ser do salmista está sofrendo. A *nepeš* está estremecida e roga pelo amor de Deus que a salve. Os sofrimentos físicos, nesses casos, são indicadores de um outro sofrimento muito mais profundo. Através dos sofrimentos da carne, revela-se aos conterrâneos um sofrimento interior e mais profundo pelo qual o salmista está passando (Sl 38,13).

O orante do Sl 130,1 se vê como que submerso e envolvido pela morte. A noite expressa o mistério, o assombro, o imprevisível, a invisibilidade das armadilhas. Por isso, a *nepeš* aguarda Iahweh, como o vigia, a aurora. Só ele é amor e redenção e é capaz de resgatar o orante e também Israel de suas iniquidades.

O orante do salmo 143 fala, no v. 3, de sua *nepeš* como sendo esmagada contra a terra, ou seja, reduzida a pó. O inimigo quer que ela simplesmente desapareça para “*habitar nas trevas como os que já estão mortos para sempre*” e volte ao pó de onde veio. O salmista expressa os anseios dos inimigos que querem que o orante deixe de existir. Isso faz o salmista clamar ao seu Deus. Ele acredita que, se Iahweh o criou, é porque isso tem um sentido. Ao Criador são, por isso, estendidos os braços. O suplicante o faz como uma criança que estende os braços suplicando auxílio. Coloca-se como uma terra sedenta (Sl 143,6). O ser do salmista, ou seja, sua *nepeš* se perturba sob a ação punitiva de Deus contra o pecado. Toda a existência do orante está balançando assustada. Mesmo sabendo de um eventual castigo pedagógico que Deus pudesse estar aplicando por causa de suas faltas, a situação estava tão grave que não mais parecia uma atitude pedagógica, da parte de Deus, mas um cortar o mal pela raiz¹⁰².

No Sl 143, o termo *nepeš* aparece cinco vezes e todas as vezes com o sentido de vida, de identidade, de eu pessoal. O penitente sente-se acossado por um inimigo diante do qual se sente

¹⁰² ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 375.

sem forças para reagir. Este quer, se assim dá para dizer, tentar aproveitar-se de uma situação de impotência pela qual o orante está passando, impotência essa que pode ser uma doença grave, como o v. 7 o deixa entrever. A perseguição do inimigo é, portanto, para levar à morte. O vocabulário usado, por ex., “*esmaga a minha vida por terra*” (v. 3), quer significar o devolver ao pó de onde saíra¹⁰³. A terra aparece em paralelismo com as trevas para onde se sente arrastado¹⁰⁴. O dolente sente em seu íntimo sorratamente introduzir-se uma mão aniquiladora. O espírito, sinal da vida, parece possuído de fragilidade e o coração parece parar de bater¹⁰⁵. A pressão externa, segundo Weiser, e o desamparo interior estão quase conseguindo roubar do orante todas as forças. Ele está desfalecendo e já sente rondando a rigidez da morte¹⁰⁶.

2.3 Desintegração da dimensão somática: *bāsār*

Os seres humanos bíblicos, em geral, e os salmistas, em especial, exprimem o desconforto ocasionado pelo pecado como forma de desintegração e de desestruturação. Dentro das diversas dimensões do ser humano, à primeira vista, uma das formas mais perceptíveis é a doença física. É aceito hoje entre médicos que problemas físicos podem ter origem não apenas somática. O que se sabe é que o *soma* pode viver, em princípio, até 150 anos. O homem mais velho que morreu nas montanhas do Cáucaso, na segunda metade do século passado, tinha 164 anos. As perturbações que interferem na qualidade de vida são muitas e diferentes. Elas podem ser somáticas, psíquicas ou espirituais. Uma perturbação que atinge somaticamente o ser humano é a doença. Esta

¹⁰³ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 1621.

¹⁰⁴ Cf. Sl 7,6; 72,4; 89,11; 94,5; Lm 3,34.

¹⁰⁵ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 888. Cf. Sl 42,6; 61,3; 77,4; 142,4.

¹⁰⁶ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 643;

muitas vezes é vista como castigo. Nos templos religiosos, diariamente padres e pastores costumam presenciar os efeitos da fé sobre a saúde dos fiéis, pois muitas doenças são geradas pelo medo e pela culpa. Por isso é necessário que se trabalhem situações mal-resolvidas e se incentive o perdão¹⁰⁷. Como o salmista dos salmos penitenciais via a doença que atingia a *bāsār*? Como ele a analisava? Como ele a julgava?

Porque o ser humano é uma unidade, o sofrimento espiritual, muitas vezes, é expresso através do sofrimento dos órgãos físicos. O eu pessoal, a נַפְשׁ (= *nepēš*), e o espírito, a רוּחַ (= *rūah*), falam através da carne, בָּשָׂר (= *bāsār*). Na carne também se percebem os sofrimentos. Os ossos estão doentes. As chagas estão podres e supuram. O corpo está encurvado, como que dobrado sob um peso insuportável. Os rins ardem em febre. O coração ruge.

A carne, no “Antigo Testamento, em contraposição ao espírito, é representada *em sua fragilidade com seu caráter transitório*; a humanidade é carne e é divino o espírito (*pneuma*)”¹⁰⁸.

O orante do Sl 38 sente, através da dor física ocasionada pelas mãos de Deus, como se este tivesse colocado um basta em todos os objetivos de sua vida. A mão de Deus pesa tanto que impossibilita dar um passo adiante (Sl 32,4). O orante sente a ira de Deus (Sl 102,11). Ela torna perceptível a podridão em que ele vivia e não se dava conta (Sl 38,6). O pecado é sentido também como um descalabro sobre o corpo. O orante vê-se sujo e, como os Padres da Igreja mais antigos usam, ele se sente “porco”. Ele se sente de tal forma porco que toda a sujeira interior se expressa externamente numa carne chagada, purulenta, malcheirosa, cheia

¹⁰⁷ FELIPPE, Cristiana. Tratamento intensivo de fé. *Revista das Religiões* (junho 2004), p. 50.

¹⁰⁸ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*, p. 187.

de abscessos, ou em outras formas de doenças de pele, como, p. ex., varíola, varicela¹⁰⁹.

A manifestação de fraqueza se manifesta também no sustentáculo do corpo, ou seja, nos ossos. Estes perdem a capacidade de sustentação para qualquer peso. O orante sente-se como que esmagado. Os ossos não mais suportam o peso da doença. O orante considera que a doença é causada pela culpa e pela iniquidade. A falta de sensatez foi além dos limites. Estava como que cegado. Agora sente os ossos impotentes, amassados e esmigalhados (SI 6,3; 32,3; 38,4; 51,10; 102,4.6). Isso provoca uma tristeza no orante, mas também uma inquietação sobre o futuro. A angústia sobre uma possibilidade ou não de solução desse sentimento provoca uma elevação da temperatura do corpo, suores agoniados e febres ardentes (SI 38,8). O coração dispara. Ele parece rugir, parece parar (SI 38,9.11; 102,5; 143,4). Isso tudo acontece, porque o ser humano é uma unidade. Os problemas de uma dimensão do ser humano têm reflexos em todas as suas dimensões.

O tamanho da punição, na perspectiva dos salmos penitenciais, é a medida das conseqüências que as faltas cometidas deixaram sobre o orante¹¹⁰. No SI 38, – mais claramente ainda que no salmo seis, – existe uma sincera confissão de que o pecado está na raiz mais profunda de todo o mal físico. A prece egípcia a Re-har-akhti¹¹¹ mostra que essa compreensão existia também fora de Israel. Ela assim reza: “Não me punas por causa de meus numerosos pecados; já não me reconheço; perdi a noção das coisas; passo o dia seguindo minha própria voz como uma vaca a erva”.

¹⁰⁹ Do tupi: “fogo que salta”. BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário, in loco*.

¹¹⁰ SI 39,12; 41,5; 69,6; 103,3; 107,17-18.

¹¹¹ Prece ao deus sol Atum Re-har-akhti do século XIII a.C.

Castellino afirma que o pecado é como “um golpe, vibrado com destreza e que se fez sentir com todas as suas conseqüências. Em breve seu corpo se encontra invadido pelo mal sem deixar nada de sadio”¹¹².

As faltas cometidas se manifestam em forma de doenças¹¹³. Elas deixam esses seres humanos sob um grande peso (Sl 38,7). O pecado cometido provoca uma raiva divina (*za'am*: Sl 38,4). A cólera de Deus não tem, no entanto, o objetivo de destruição. Ela quer ser a expressão drástica daquilo que pode ser chamado de insatisfação de Deus¹¹⁴.

Pode-se, portanto, perceber que as conseqüências do pecado minam profundamente a qualidade de vida. Uma *bāsār* minada pelos mais diferentes males não está nos planos do Criador. É tudo o que não se quer. Sabe-se que são muitas as causas que minam a qualidade de vida de uma das dimensões do ser humano, independentemente de causas que hoje possam também ser encontradas. O que é certo é que a grandíssima maioria, de uma ou outra forma, tem origem na vontade do ser humano, nas suas atitudes, nas suas opções e até imposições que ele sofre, por parte de outros seres humanos. Essas últimas, no entanto, não deixam de ser opções tomadas por vontade humana!

O Sl 38 e o Sl 102,6 são espelhos disso. As conseqüências do pecado são drásticas para a qualidade de vida e a integri-

¹¹² CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*. Torino: Marietti, 1965. Coll.: La Sacra Bibbia, p. 116.

¹¹³ “La colpa é un ‘grave peso’ (Ps 38,5), che non si riesce a portare. È la somma delle ‘singole colpe’ che scaturiscono dalle azione peccaminose. Essa si identifica sostanzialmente con le sofferenze che possono tormentare un uomo, e si manifesta attraverso tale sofferenze” (QUELL, Gottfried. ἀμαρτάνω ἀμαρτημα ἀμαρτία. In *GLNT I*, col. 753-754).

¹¹⁴ “In vv 4f. werden Gottes Ablehnung als Grollen (*za'am*), die Gründe dafür auf Seiten des Beters aber als *ḥattā'āt* bzw. *'āwon* angegeben. Man wird *quæşæp* richtig beschreiben, wenn man darin eine drastische, aber keine auf Zerstörung zielende Äusserung Gottes angesprochen sieht” (REITERER, E. V. ḥattā'āt *quæşæp*. In *ThWAT VII*, col. 10).

dade da criatura que é o corpo (carne *bāsār*). Os salmistas não medem palavras para expressar o modo como o pecado arruína o bem-estar, a felicidade e a alegria de viver. Ele arruína ainda a vontade e a dimensão orante do ser humano em todas as suas formas, etc.

a) Os Ossos

Os ossos, עֶסֶם *‘ešem*, dentro dos salmos penitenciais, exprimem uma enorme gama de sintomas ligados às doenças. Mas, a princípio, os ossos são sinônimo de força, de capacidade de permanecer em pé e de estar com a cabeça erguida. Por isso, no contexto dos salmos penitenciais, a fraqueza dos ossos quer expressar a fragilidade física¹¹⁵. Eles também são vistos como a sede da dor física (Sl 6)¹¹⁶. Quando o mal penetra o âmago dos ossos, ele desarticula o corpo todo¹¹⁷ provocando seu ressecamento¹¹⁸.

No Sl 6, 3-4, tanto os ossos como o eu pessoal נַפְשִׁי (= *nepes̄*) são sujeitos do mesmo verbo בָּהַל (*bāhal*) atemorizar-se/apavorar-se/assustar-se. Os ossos representam a estrutura somática. A *nepes̄* representa o eu pessoal ou a identidade e, por isso, simboliza a interioridade psíquico-espiritual. Se tanto os ossos como o eu pessoal do salmista estão apavorados, isso quer expressar que, em todo seu ser, a qualidade de vida está sofrendo prejuízo. O salmista sente-se profundamente atingido. Não existe nada de ileso em seu ser. No Sl 32, בָּלָה עֶסֶם (*bālāh ešem*) significa consumir os ossos. No Sl 102,4 usa-se o verbo הָרַר *hārar* para dizer a mesma coisa. Com essas expressões, o orante está querendo expressar a ruína que está acontecendo dentro de seu corpo. O salmista diz que nos seus ossos não existe parte

¹¹⁵ BEAUCHAMP, Paul. *Psaumes Nuit et Jour*. Paris: Seuil, 1980, p. 54-55.

¹¹⁶ Sl 22,15,18; 31,11; 32,3; 34,21; 35,10.

¹¹⁷ JACQUET, L. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 279.

¹¹⁸ CASTELLINO, G. *Libro dei Salmi*, p. 387.

po. O salmista diz que nos seus ossos não existe parte sadia (אֵין שְׁלוֹם בְּעַצְמוֹי 'ên šālôm b^ašāmî: Sl 38,4). Quando ele diz que os ossos estão colados à pele (דָּבַק dābaq colar), ele quer expressar a magreza em que se encontra seu corpo (Sl 102,6). “É um diagnóstico impiedoso de uma devastação física e interior na qual a angústia da alma se alia ao sofrimento físico”¹¹⁹. Todo ser da pessoa, portanto, foi atingido. Diz Ravasi que “através deste assalto à estrutura fundamental do organismo, os ossos¹²⁰, o ser do homem está se aniquilando”¹²¹. É muito difícil separar, especialmente no saltério, o físico do psíquico. Por isso cada caso merece um cuidado especial, pois, em casos específicos, usa-se do físico para expressar um sofrimento psíquico.

“Ossos deslocados” (Sl 6), “ossos que se consomem” (Sl 32) e “ossos doentios” (Sl

38) expressam, somaticamente falando, uma *débâcle* física. Essa ruína física é expressão de algo muito mais profundo, ou seja, a *débâcle* moral. O doente, com seu físico atingido todo ou em parte, metaforicamente quer expressar, através dele, seu estado psíquico e espiritual. Os orantes, quando escreveram ou pediram que isso fosse escrito, sentiram-se numa encruzilhada da vida. Uma doença física podia levar a uma profunda crise existencial e ser um prenúncio de mudança de vida. Um emagrecimento doentio deixava todos os ossos à vista (Sl 102). Era só couro e osso! Quem sabe não era o primeiro susto que alertava para a caducidade da vida!? A angústia, que ressecava todo o seu interior (Sl 32,4), era expressa pela secura da boca e da garganta. Até a voz se tomava rebelde. O suor que lhe descia pela espinha era sentido como que as águas primordiais querendo fazê-lo submergir.

¹¹⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 158.

¹²⁰ Sl 22 15; 31,11; 69,4; Jó 30,17.30..

¹²¹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 40.

Os Padres da Igreja têm comentários interessantes sobre o assunto. Eles, basicamente, fazem um uso alegórico dos salmos penitenciais. Diz Rufino que por ossos entende-se a força da alma. Os pecados provocam a ira de Deus. Essa ira mostra-se nas dores dos membros do corpo e no enfraquecimento das potencialidades do espírito. “O homem, no corpo, perde a saúde e na alma perde a paz”¹²², tirando-lhe a estabilidade e a constância¹²³. Ao falar dos ossos, Haimo percebe a confusão e a perturbação da alma causada pelos pecados. A perturbação é psicossomática, pois atinge corpo e alma. Diz ele: “*Conturbatur et in corpore et in anima*”¹²⁴, ou seja, as forças do corpo e da alma não estão imunes ao pecado¹²⁵. Santo Agostinho aplica o salmo 38 a Cristo. Ele vê Cristo, como cabeça, e a Igreja, como corpo. Comparando com a vida matrimonial e apoiando-se sempre na Escritura, diz que os dois são uma só carne, assim também a cabeça, Cristo, sofre, quando o corpo sofre. A cabeça confessa os pecados, porque o corpo pecou¹²⁶.

¹²² “Per ossa intelliguntur animae fortia. Ecce propter peccata nostra, quae sunt causa irae Dei, multa patimur in membris corporis, multa in virtutibus animae. In corpore amisit homo sanitatem, in anima perdidit pacem” (RUFINI Tyranni Commentarium in LXXV Psalmos. In *PL* 21, 78).

¹²³ EUTYMII Zigabeni Commentarium in Psalterium. In *PG* 128, 431.

¹²⁴ HAYMONIS Explanatio in Psalmos. In *PL* 116, 326.

¹²⁵ Id., *ibid.*, 342.

¹²⁶ “Se, pois, ele disse: ‘Já não são dois, mas uma só carne’, não é de admirar que como uma carne, cabeça e corpo, dimanem também uma carne, uma língua e as mesmas palavras. Portanto, ouçamos somente um, porém sendo a cabeça cabeça e o corpo corpo. Não se dividem as pessoas, mas se distinguem as dignidades, porque a Cabeça salva, e o corpo é salvo. A Cabeça demonstra misericórdia, o corpo chora sua miséria. A Cabeça purifica, o corpo confessa os pecados” (SANTO AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos I*, p. 583).

b) Os Rins

Os rins, כֶּסֶל (*kesel*; lit.: “lombo”)¹²⁷, são a sede dos sobressaltos interiores. É o lugar de onde brotam os sentimentos mais profundos¹²⁸. Eles sempre estão presentes aos olhos de Deus¹²⁹. São considerados também como a sede do vigor físico e por isso eles são a fonte da fecundidade¹³⁰. Dentro dos salmos penitenciais, portanto, quando se fala do assédio da doença que está atacando os rins e o coração, se está querendo dizer que este mal está agredindo todo o corpo até seu âmago. Está minando os pontos vitais do salmista¹³¹.

Os rins, a parte central do corpo, estão como que em brasa e ressequidos (Sl 38,8). É um fogo que aí tem seu início e se expande até envolver todo o corpo, levando-o a ser um gélido e rígido cadáver¹³².

As reações são psicofísicas¹³³. A febre se alastra. É como um fogo interior que consome e devora o enfermo¹³⁴. Sente-se

¹²⁷ Alonso Schökel traduz por “costas”. ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 545.

¹²⁸ Jó 16,13; Ez 29,7; Sl 73,21; Pr 23,16.

¹²⁹ Jó 11,20; Sl 7,10; Ap 2,23.

¹³⁰ MONLOUBOU, L.; DU BRUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*, p. 691.

¹³¹ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 786. Cf. Sl 7,10; 16,7; 26,2; 73,21; 129,13.

¹³² “His, *i.e.* כסלים internal muscle of the loins, which usually the fattest parts, are full of נקלה; that which is burnt, *i.e.* parched. It is therefore as though the burning, starting from the central point of the bodily power, would spread itself over the whole body: the wrath of God works commotion in this latter as well as in the soul. ... is the proper word for the coldness and rigidity of a corpse” (DELITZSCH, Franz. *The Psalms II*. Grand Rapids (Michigan): WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1955. Col.: Biblical Commentary on the Old Testament, p. 22).

¹³³ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 701.

¹³⁴ *Niqle*, usado como substantivo (de *qlh* = tostar, assar), descreve a sensação de ardor provocado pelas chagas inflamadas. O uso é único. ALONSO

como num monturo, perpassado de dor em todo o seu corpo. Deixa a impressão de que é todo chagado. Não se pode tocá-lo em nenhuma parte do corpo sem que ele sinta uma dor lancinante¹³⁵. O uso de termos eivados de negatividade quer dar a idéia da febre que devora o salmista¹³⁶. O texto deixa entender, segundo Kraus, que o orante se encontra fora do seu domicílio e está apodrecendo num profundo estado de decadência pessoal¹³⁷. Com relação ao Sl 38, nem todos, no entanto, concordam com o afastamento do gemebundo do convívio dos seus, tendo em vista as agressões verbais que ele sofre.

Os Padres da Igreja interpretam, nesse contexto, os rins de forma alegórica. Eles são identificados com a sede da voluptuosidade, onde as ilusões, miragens ou sonhos são gerados¹³⁸. É aí que vaidades e imaginações acontecem, tanto na oração como em pensamento. Elas podem ser aceitas como satisfação e como recompensas¹³⁹, e são tidas como manipulações do diabo. Elas

SCHÖKEL; Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 550. GARCIA CORDERO, Maximiliano. *Libro de los Salmos*, p. 345.

¹³⁵ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 117.

¹³⁶ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 786. DAHOOD (Introduction, Translation, and Notes by). *Psalms 1-50*. 7. Ed. Garden City (New York), Doubleday & Company, Inc 1966. Col.: The Anchor Bible, 16, p. 235 alerta para um paralelo ugarítico: “In his loins he is fever-racked” (*bmtnm yshhn*). Cf. OLMO LETE. *Mitos e Leyendas de Canaan según la Tradición de Ugarit*, Madrid: Cristiandad, 1981p. 527 onde *bmt* significa “dorso, lombo”, e p. 628 onde *shhn* (*yshhn*) significa “arder em febre, arder de calor”. Cf. Sl 39,4; 102,4; Jó 30,7.30.

¹³⁷ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 448.

¹³⁸ “Quia in lumbis est carnalis voluptas, unde illusiones procreantur” (RUFINI Tyranni Commentarium in LXXV Psalmos. In *PL 21*, 786).

¹³⁹ 139 “Merito, non modo tristis, sed etiam *contristatus* sum quia non est mihi bonum interius, vel exterius. Nam *lumbi mei impleti sunt illusionibus*, id est, anima mea repleta est vanitatibus. Lumbi enim pro delectationibus accipiuntur. Delectationes vero interiores sunt. Ideo per lumbos anima, quae interior est, designatur. Illusiones vero vocat vanitas illas et phantasmata, quae

afligem todo o corpo. Fatigam a alma por meio de imaginações várias¹⁴⁰. Levam o ser humano a tomar o falso por verdadeiro, o mal pelo bem, trocar as coisas celestes pelas terrenas. Elas tomam o lugar do serviço a Deus para interessar-se por causas sem valor e frívolas¹⁴¹ e por ilusões diabólicas¹⁴², quando o fluir seminal não é sempre destinado à procriação, mas também para a fornicção¹⁴³. Essas fragilidades que os rins simbolizam causam males, pois conduzem, não à retidão, mas à intemperança¹⁴⁴.

nobis et in cogitando et in orando assidue intercurrent” (BEDAE VENERABILIS Exegesis de Psalmorum Libris. In *PL 93*, 683).

¹⁴⁰ “Ut per lumbos accipiamus carnalitatem, id est sensualitatem, quae a diabolo fatigatur et corpus affligitur. Quasi dicat: Non solum mea infirmitate pecco, sed et diabolo, (Cassiod.) id est per diabolum, qui corpus affligit e animam fatigat variis imaginationibus” (PETRI LOMBARDI Commentarium in Psalmos. In *PL 191*, 383).

¹⁴¹ “Innumerabiles sunt illusiones, quas homo patitur in hac vita, dum pravis persuasionibus circumvenitur credit falsa pro veris, agit malum pro bonis, et dimittit coelestia pro terrenis, dum pro caducis, vanis frivolis a divina servitute transfertur, a pia intentione retrahitur, a sancto proposito revocatur” (INOCENTII III Commentarium In Septem Psalmos Poenitentiales. In *PL 217*, 1038).

¹⁴² “Alludit mundus, eludit caro, et illudit diabolus. Mundus alludit per blanditias saeculares, caro eludit per sensuales illecebras, diabolus illudit per spirituales fallacias” (INOCENTII III Papae Commentarium In Septem Psalmos Poenitentiales. In *PL 217*, 1038).

¹⁴³ “... dicendum est quod cum in lumbis et illibus confluent semina ad generationem spectantia, haec implentur illusionibus, dum non ad generationem, sed ad fornicationem usurpantur” (DIDYMI Alexandrini Expositio in Psalmos. In *PG 39*, 1343).

¹⁴⁴ “His enim inhaeret renes, per quos appetitus excitari solent. Istorum igitur malorum, inquit, causa mihi fuit, quod non ad rectum, sed ad lasciviam concupiscentia abusus sim” (THEODORETI Cyrenis Episcopi Interpretatio in Psalmos. In *PG 80*, 1139).

c) O Coração

Nos salmos penitenciais, o termo coração, לֵב (*lēb*) ou לִבָּ (*lēbāb*), aparece com sentidos diferenciados, como o é, também, em toda a Bíblia. Nos Sl 38 e 102, o coração simboliza a terrível situação em que o ser humano se encontra. Este está prostrado pelo sofrimento psicossomático ocasionado pela consciência do pecado que grassa por todo seu ser. O Sl 51 quer expressar como um coração deve sentir-se, quando está diante de Deus. São dois estados diferentes. São dois modos diferentes de ser. Este segundo sentido mostra como se sente o ser recriado.

Neste momento interessa apenas a compreensão do termo coração, na medida em que ele expressa o estado deplorável que o orante está vivendo. O coração não se resigna com a situação. Ele reage. Ele ruga. O suplicante geme. Derrama-se diante de Deus expressando suas ânsias. Afirma que seus lamentos estão diante de Deus. O orante está angustiado pela arritmia de seu coração, pela insuficiência de forças para esboçar uma reação e pela incapacidade de percepção do ambiente. Kraus diz: “Da mais profunda prostração e esgotamento afloram os gritos de um gemebundo coração”¹⁴⁵. No TM usa-se o דָּכָה *dākāh*. Este tem como variante דָּכָה *dk’*, que igualmente significa esmagar, e דָּךְ *dūk* triturar, bater. Essas raízes são usadas para expressar a situação de quem está somática e espiritualmente oprimido por causa do pecado ou de inimigos¹⁴⁶.

¹⁴⁵ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 448.

¹⁴⁶ “Diese ‚Zerschlagenen‘, ‚Elenden‘, ‚Hilflosen‘, ‚Geringen‘, ‚Schwachen‘ und ‚Armen‘ bilden gewiss keine in sich geschlossene Gruppe, schon gar keine Partei (אֲרִיִּן mit Lit.), vielmehr sind sie mit Mowinkel die ‚actuell Leidenden‘ die Opfer ihrer, Feinde” (FUHS, H. E. דָּכָה *dākā’*. In *ThWAT II*, col. 218). “É usado somente em Salmos, duas vezes no nifal (38.8[9] 51.17[19] e duas vezes no piel (44.19[20]; 51.8[10])... O verbo ocorre apenas em lamentos e é coerentemente empregado para designar aquele que está física e emocionalmente oprimido por causa do pecado ou do ataque de um ini-

A forma de o orante sofrer é variada: sob o ímpio ou a-teu¹⁴⁷ com ódio¹⁴⁸ através da perseguição (cf. Sl 35,3)¹⁴⁹. No Sl 143,4 o coração está assustado, porque o inimigo, *'ōyēb*, do orante o persegue e o esmaga por terra. A caracterização e a visão do perigo e toda a perfídia que está por trás, traz à memória imagens do ambiente de caça, de guerra, de caos e do submundo (Sl 143,5)¹⁵⁰. O vocábulo (*dākkā*) quer expressar que o orante está necessitado, doente¹⁵¹ e próximo da morte¹⁵². No entanto, o salmista sabe que só Iahweh o pode salvar e que ele é a única esperança. Lembra-se daquilo que os pais contaram a respeito dos feitos todo-poderosos de Deus (44,2-4)¹⁵³. Muitas vezes, os sal-

migo. Nos Salmos 51.8[9] e provavelmente 38.8[9], o salmista fala de seus ossos serem quebrados por causa de seu envolvimento com o pecado” (cf. Sl 51: o envolvimento de Davi com Bate Seba e o pecado experimentado em paralelo com ‘compungido e contrito’ ([heb.: “esmagado”] Sl 34,18[19] 74,21). WOLF, Herbert. *דָּכָּךְ (dākkā) ser esmagado, estar contrito, quebrantado*. In *DITAT*, p. 311.

¹⁴⁷ Sl 9,6. 17s; 10,4 e outros.

¹⁴⁸ Sl 9,19 e outros.

¹⁴⁹ “Nach Ps 143,2 ist es der Feind (*'ōjēb* דָּבִי), der den Beter verfolgt und sein Leben zu Boden tritt (*dk*). Vielgestaltig tritt er auf: als Frevler oder Gottloser (9,6.17f.: 10,4; u. ö.), als Hasser (9,19 u. ö.), Verfolger (35,3) u. a. m.” (FUHS, H. F. *דָּכָּךְ dākkā*. In *ThWAT II*, col. 218).

¹⁵⁰ “Zu seiner Charakterisierung und zur Veranschaulichung der Gefährlichkeit und ganzen Heimtücke seines Vorgehens dienen Bilder und Vorstellungen aus dem Bereich der Jagd, des Krieges, des Chaos und der Unterwelt” (FUHS, H. F. *דָּכָּךְ dākkā*. In *ThWAT II*, col. 218).

¹⁵¹ Sl 40,13; 69,18; 109,33, etc.

¹⁵² Sl 9,14, 86,13, etc.

¹⁵³ “Israel knows this in its own history” (3 Bas. 8:35; 2 Ch 6:26; 28:19; 32:26; Is. 64:11; Ψ 89:15); “God humbles it for its sin” (Ψ 146:6, and with ὕβρις Hos. 5:5; 7:10). “The same applies to Israel’s foes when it receives help from God” [Jz 4,23; 5,13a; 1Sm 7,13; 1Cr 17,10; Ez 17,24; Sl (LXX) 54,20; 71,4; 80,15; 88,11]. “Individuals also experience it in their own lives” [Rt 1,21; 1Cr 4,10; Tb 4,19]. “This divine work of God in history may be educational, as attested esp. in the Wisdom lit”. [Pr 18,12; cf. Tb. 29,23; Eclo 13,8; 18,21]. “The most ample expression of God’s abasing and exalting work

mos de lamentação individual e coletiva são quase que uma provocação a Deus. Perguntam-se: será que aquilo que nos contaram não era verdade? Confessam a história a fim de que Iahweh, como o fora no passado, também agora seja uma fortaleza e um refúgio de salvação¹⁵⁴.

O Sl 38,10 emprega ainda um outro verbo para expressar o estado do coração: שָׁאג *šā'ag* gemer, rugir: “Em Salmo 38.8[9] Davi diz ‘dou rugidos por causa do desassossego do meu coração’ (IDB), aqui empregado o verbo *sha'ag* para descrever os gemidos que claramente brotavam de seu íntimo devido aos seus pecados (v. 18) e inimigos (v. 12)”¹⁵⁵.

A aflição é tanta que faz com que o orante ouça seu coração rugir como um animal ferido. Ele faz isso, não em busca de um despertar da misericórdia divina apenas, mas pela necessidade elementar que uma alma piedosa tem de abrir-se ao seu Deus

in history is to be found in the earlier prophecy of Is”. “On the day of Yahweh it takes place that ‘the proudly uplifted eyes of men will become humble and the pride of men will be brought low. But the lord alone is exalted in that day” (2:11). “The Psalmist sees and confesses that he is punished with sickness for his sin” [(LXX) Sl 37,9; cf. 87,16; 106,12.17]. “With the sickness which oppresses and humbles him he is overshadowed by death Ψ 43:20, which humbles him to the dust” Ψ 43:26; cf. 142,3). “But he is also aware that God does not repel the man who accepts abasement and humbles himself beneath God’s hand” [(LXX) Sl 50,19.10; 114,6; 115,1; 116,9; 141,7; 118,71; cf. v. 67, 75, 107]. GRUNDMANN, Walter. Ταπεινóω. In *TDNT VIII*, p. 8.

¹⁵⁴ “(...) so scheint es, hat Gott die ‚Herde seiner Weide‘ (74,1: vgi. Jer 23,1ff; Ps 79,13; 95,7; 100,3), sein ‚Eigentumsvolk‘, ‚vom alters her‘ (74,2) verlassen unverstossen. So fehlt es in der Gemeinde nicht an Stimmen, die Gottes Wirkmächtigkeit überhaupt in Frage stellen (Ps 78,18; vgl 14,1). In dieser Not, die gekennzeichnet ist durch äussere Bedrängnis und innere Glaubensangefochtenheit, wendet sich die Gemeinde klagend und bittend an JHWH um Hilfe. Diese bedrängte und im Glauben angefochtene Gemeinde versteht sich jetzt als die ‚Armen‘, ‚Elenden‘ und ‚Zerschlagenene‘ (74,2’), für die JHWH zu allen Zeiten – und so auch jetzt – eine feste Burg (9,10) und ein Hort der Rettung (140,8) ist“. דָּאָקָה *dākā*”. In *ThWAT II*, col. 219.

¹⁵⁵ COHEN, Gary G. שָׁאָג (*shā'ag*) rugir. In *DITAT*, p. 1449.

em confissão. Isso de per si já é um alívio e tem em vista o reatamento da comunhão perdida com Deus¹⁵⁶. O salmista, além do mais, abandonado, luta desesperadamente por existir¹⁵⁷. O orante expressa a dor violenta que sente¹⁵⁸.

O coração do gemebundo está como que em violentas e repetidas sístoles e diástoles, num estado de violenta palpitação¹⁵⁹. O termo onomatopaico סָהַרְהַר (s^eharhar) (Sl 38,11) descreve o bater do coração. É um bater arfante e intermitente (סָהַר s^ahar significa “vagar ao redor”). A escuridão diante dos olhos expressa o estado daquele que, por causa de uma violenta e irregular palpitação, que ocasiona uma falta de boa circulação sanguínea no cérebro, sente-se angustiado como se estivesse às portas da morte¹⁶⁰.

No Sl 38, o coração expressa as forças que vão e voltam (cf. também o Sl 40,13). O medo de que cada momento possa ser o último gela o mais íntimo do seu ser. O orante sente-se apavorado diante da possibilidade de que cada momento seja o último estertor. Um coração que palpita ainda está vivo. O coração do orante sente as forças esvaírem-se e o orante solicita o auxílio de Deus¹⁶¹. Esse estado do orante parece-se com o estado do orante

¹⁵⁶ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 239.

¹⁵⁷ GARCIA CORDERO, Maximiliano. Libro de los Salmos. In GARCÍA CORDERO, Maximiliano; PEREZ RODRIGUEZ, Gabriel. *Biblia Comentada IV: Libros Sapienciales*. Madrid: La Editorial Católica, 1962, p. 167-674. Col.: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), p. 345.

¹⁵⁸ “Quod ait: *Rugiebam a gemitu*: signum est vehementissimi doloris, quando homo prae anxietate cordis suo in gemitu...” (RUFINI Tyranni Commentarium in LXXV Psalmos, In *PL* 21, 786).

¹⁵⁹ “His heart is in a state of violent rotary motion, on only of violent, quickly repeated contraction and expansion (...), that is to say, a state of violent palpitation” (DELITZSCH, Franz. *The Psalms II*, p. 22).

¹⁶⁰ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia dell’Antico Testamento*. Brescia: Queriniana. 1975. Col.: “Strumenti 2”, p. 61.

¹⁶¹ “Im Psalter begegnet *kō̄h* ganz überwiegend in den individuellen Klageliedern des Einzelnen von der werschwundenen Kraft des Menschen,

do Sl 22,16, onde o orante diz: “*Meu vigor secou como um caco [queimado]*” (TEB)¹⁶². Isso caracteriza uma agonia. Indica uma morte iminente. A boca expressa o estado do coração tomando a aparência de um vaso cozido ao fogo e que se tornou árido e abrasador, pois ninguém a umedece. Ela é incapaz de balbuciar qualquer palavra e deglutir algo. Isso faz produzir um grito rouco, de difícil articulação, implorando a mitigação do sofrimento¹⁶³.

Os Padres da Igreja fazem um uso metafórico do coração no Sl 38,9.11. O coração não quer referir-se apenas ao exterior do ser humano, mas simboliza, principalmente, o interior dele e o que lhe está oculto. É patente somente ao verdadeiro Deus, que conhece as profundezas da alma e aquilo que o coração expressa¹⁶⁴.

Inocêncio III interpreta o coração “esmagado” (v. 9) do dolente como se ele estivesse com o corpo curvado, a mente humilhada e prostrado em oração e confissão. Não é um simples gesto de humildade apenas, mas quer dizer que, com o pecado cometido, o pecador se erigiu soberbamente contra Deus. A con-

die den Frommen um Gottes Hilfe beten lässt” (WOUDE, A. S. van der. *הַחֹהֶה Kraft*. In *THAT I*, col. 824).

¹⁶² Bíblia de Jerusalém traduz: “*Seco está meu paladar como um caco*”. Fala-se de um caco de cerâmica. Algumas traduções substituem o hebraico כְּחִי *kōhī* por חֵיקִי *hīkkī*, que é traduzido por paladar. A TEB mantém o original hebraico, traduzindo por vigor.

¹⁶³ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme I*, p. 538. Diz Kraus: “Die beiden Verse 15 und 16 veranschaulichen die Agonie: Das Vergehen und die Auflösung des Körpers unter der Glut des Fiebers” (*Psalmen. I*, p. 328).

¹⁶⁴ “Gemitus enim alius carnis, alius cordis. Gemitus carnis est, qui temporalibus rebus fit. Et hic hominibus, quia exteriorem innotescit. Gemitus vero cordis est ille, quo sancti viri interius interpellant, et hic hominibus est occultus; soli vero Deo cui omnis intentio animae patet, et omne cor loquitur, est manifestus” (BEDAE VENERABILIS Exegesis de Psalmorum Libris. In *PL 93*, 683).

fissão faz com que a mente se incline diante de Deus¹⁶⁵. Arnóbio, diante do estado em que o pecado deixou o pecador, convida todos a se inclinar e se humilhar e excluir do mais profundo de si, correspondendo aos rugidos e gemidos do coração: “Diante de ti, Senhor, estão os desejos do meu coração”¹⁶⁶.

d) A Pele

A pele está intimamente unida ao termo carne. É sobre a pele que as chagas, חַבּוּרָה *habbûrâh*, encontram seu lugar. Ela mostra através das chagas as conseqüências sofridas pelo pecador na sua carne. As chagas sobre a pele reforçam ainda o triste estado físico de quem está se lamentando. O salmista do Sl 38 sofre de um colapso pessoal interno e externo. Ele reconhece isso e abre-se-lhe o único caminho ainda viável para uma cura: a confissão com toda a abertura do coração perante Deus. Sem a menor tentativa de encobrir qualquer coisa, o suplicante deixa que Deus olhe sua miséria e realmente tenha piedade “do seu corpo acobardado de dores, que se nega a servi-lo, e do seu coração, cuja aflição o faz uivar como animal ferido”¹⁶⁷.

O verbo usado “apodrecer”, “deteriorar” (נִמְקָה *nāmaqqu*, de מִקָּה *māqqa*) (Sl 38,6) “é usado para descrever aqueles que ‘perecem’ ou ‘são consumidos’ por causa de seus pecados, que os desumanizam”¹⁶⁸.

É próprio do pecado lançar suas próprias sementes de apodrecimento¹⁶⁹. Este sentido é perceptível no Sl 38,6¹⁷⁰. Por is-

¹⁶⁵ INOCENTII III Papae Commentarium In Septem Psalmos Poenitentiales. In *PL* 217, 1040.

¹⁶⁶ ARNOBII Junioris Commentarii in Psalmos. In *PL* 53, 377.

¹⁶⁷ WEISER, Artur. *Salmos*, p. 239.

¹⁶⁸ HAMTLTON, Victor. מִקָּה (*māqqa*) *apodrecer, deteriorar, infeccionar, definhar* (de tristeza ou doença). In *DITAT*, p. 872. Cf. Lv 26,29; Ez 4,17; 4,23; 33,10.

¹⁶⁹ Zc 14,12.

so, quando se fala de malcheirosas e purulentas feridas, pensa-se em primeiro lugar na lepra¹⁷¹. Sórdidas chagas¹⁷², que se parecem com a lepra¹⁷³, enjoam e desgraçam toda a sua existência¹⁷⁴.

Os Padres da Igreja aproveitam a ocasião para, hiperbólica e alegoricamente, descrever o estado de pecador. Diz S Jerônimo que são como os porcos na lama e no esterco onde sentem bons odores. Do mesmo modo são as chagas dos pecadores que cheiram e apodrecem¹⁷⁵. Elas exalam maus odores e eles nem o percebem. Rufino vai mais longe, ao afirmar que as chagas putrefatas são as cicatrizes que foram novamente machucadas. Ou seja, é aquele que fora curado pelo batismo e que recaí no pecado¹⁷⁶. A ferida curada e novamente machucada fica com seu estado pior do que seu estado anterior. Assim são as culpas que

¹⁷⁰ HAMLTON, Victor. מָאָהָ (māqah) apodrecer, deteriorar, infeccionar, definhar (de tristeza ou doença). In *DITAT*, p. 872. A LXX traduz chaga por μόλωψ (mólōps) e que também simboliza culpa. É uma culpa moral cujas conseqüências atingem todo o ser físico, o mais profundo de sua carne (cf. SCHNEIDER, Carl. μόλωψ p. In *TDNT IV*, p. 829). Para falar literalmente da putrefação da carne do corpo vivo (Jó 19,20; 33,21; Sl 38,6) a LXX usa σήπω (sépō, de σαπρός, saporós). (Cf. BAUERFEIND, Otto. σαπρός, σήπω. In *TDNT VII*, p. 96).

¹⁷¹ Lancellotti acredita na possibilidade de uma lepra. Isso vem minuciosamente descrito em Lv 13 e já a trata como símbolo da impureza e do pecado. LANCELLOTTI, Angelo. *Salmi I: Introduzione Generale*. Libro I: 1-41. Roma: Pauline, 1979. Col.: Nuovissima Versione della Bibbia, n. 18/1, p. 279.

¹⁷² 1Sm 27,12; Ex 16,24; 21,25; Is 1,6; 53,5; Ez 4,17; 24,23; Zc 14,12.

¹⁷³ Lv 13-14; Ex 4,6; Nm 12,9-10.

¹⁷⁴ Sl 35,14; Is 21,3.

¹⁷⁵ “Porcorum mos est, coeno aut stercorebus pro bonis odoribus uti; nec intelligunt se in his sordissime volutari. Nam mihi foetent et computrescunt vulnera peccatorum desideranterque expecto medicum” (HYERONYMI, S. Eusebii Breviarium in Psalmos. In *PL 26*, 995).

¹⁷⁶ “Nam sicut cicatrices putrescunt prius, postea rumpitur caro: sic peccata sanata in baptisate, putrescunt quando renovatur in voluntate. Corruptuntur autem, quando ea exercemus in opere. Et hoc fit a facie insipientiae nostrae, id est propter insipientiam, quae nobis praesens est” (RUFINI Tyranni Commentarium in LXXV Psalmos. In *PL 21*, 785).

uma vez foram perdoadas e nas quais acontece uma recidiva. Estas são de longe mais graves do que aquelas¹⁷⁷. Orígenes, ainda mais do que Jerônimo, se delicia nas imaginações, quando compara os pecadores com porcos. Os pecadores são aqueles que se deleitam alegremente, como os porcos, nos seus pecados, como se esses estivessem eivados de odor agradabilíssimo¹⁷⁸. O resultado de suas graves faltas contra a lei divina e de suas loucuras¹⁷⁹ é que faz com que as chagas não sejam percebidas apenas como superficiais, mas querem significar uma profunda lesão da alma de alguém que se nega a ungi-las¹⁸⁰. Também Lutero faz uma interpretação alegórica. Ele diz que, se as feridas da natureza humana não são diariamente unguidas com a graça e a palavra de Deus, são como chagas e tumescências. Apodrecem e cheiram mal¹⁸¹. A loucura transparece no ser humano, quando ele imagi-

¹⁷⁷ “...ut cicatrices in carne intelligantur plagae, quae postquam curatae sunt, recidunt, at quidem posteriores plagae longe sunt peiores, quam priores. Sic cicatrices in mente sunt culpae, quae postquam dimissae sunt, iterantur, et sunt longe istae graviores, quam illae” (INOCENTII III Papae. In *PL* 217, 1035).

¹⁷⁸ “...ibi appellans eos qui peccatorum foetoribus delectantur sicut porci, qui foetorem omnem tanquam odorem suavissimum expetunt. Considera ergo peccatorem qui peccatis suis delectatur et laetus est in malis suis: quoniam et ipse in stercore foetido volutatur, et nullum foetoris ejus, qui ex peccati stercore redditur, percipit sensum, velut in summis voluptatibus et gratissimis deliciis delectatur” (ORIGENIS Commentarii in Psalmos. In *PG* 12, 377).

¹⁷⁹ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 785. Cf. *Sl* 14,1; 107,17; 69,6.

¹⁸⁰ “...neque id tantum in superficie, sed introrsus etiam penitus commarauerunt. Quibus verbis magnam animae laesionem significat, dum gravem negat se vulnerum olentiam ferre posse” (EUTYMI Zigabeni Commentarium in Psalterium. In *PG* 128, 431).

¹⁸¹ „Gleich wie wunden und schwülste faulen, eitern und stincken am leibe, also auch die bösen gebrechen der natur, verterben und stinckend werden, so man nicht teglich ihr wartet und heilet mit der salbe der gnaden und mit waffer des worts Gottes“ (MARTIN LUTHERS WERKE 18 (D.), Weimar: Hermann Bühlaus Nachfolger, 1908, p. 493).

na ser quem ele não é. As flechas (Sl 38,3) são o símbolo da dor, usadas para tornar a loucura patente, de forma que o sofredor perceba o quanto era cego a respeito de seu autoconhecimento e que, em sua estupidez, até então não percebera¹⁸².

Pode-se perguntar pelas causas que levaram o Sl 38 a se prestar tanto para uma hermenêutica alegórica. O fato é que ninguém, que estivesse no estado físico que o salmista do salmo descreve, estaria vivo para poder expressar seu estado. Alonso Schökel diz que o salmo é uma soma de estados de muitos doentes diferentes. Isto abriu as portas para que o estado físico do orante fosse usado para expressar um estado psicossomático.

3 Desintegração das relações sociais

As conseqüências dos pecados podem também atingir toda uma comunidade. O pecado individual corrói a comunidade e a desintegra. Esta, muitas vezes, em vez de reagir ao pecado, pode até mancomunar-se com ele. Isso levaria a comunidade e o povo em geral, dentro da ótica bíblica, às vezes, a sofrer desastres naturais e reveses militares. Entre eles está a destruição de Jerusalém e do templo, como também o exílio. O capítulo 18 de Ezequiel insiste em que o efeito do pecado é a morte. O afastar-se de Deus significa também um afastar-se da salvação e, portanto, correr em direção da ruína e da perdição. A história deuteronômista mostra isso em detalhes¹⁸³.

¹⁸² “Die thorheit aber ist, wenn der mensch nicht sihet sich selbs, sonder meint, er sei ganss gesund, die pfeile aber offenbaren diese torheit, das der mensche erkennet, wie blind er gewesen sei inn sein selbs erkentnis, darumb ist der sinn, da ich mein torheit und mein selbs unwissen erkennet, da hab ich auch erkennet, wie kleglich mein wunden vertorben und stinckend sin” (MARTIN LUTHERS WERKE 18 (D.), p. 494).

¹⁸³ VIRGULIN, Stefano. Pecado. In *NDTB*, p. 1435.

3.1 Desintegração das relações com o próximo

O orante vive numa situação muito difícil, visto que se encontra subjugado sob aqueles que lhe querem tirar a vida, ou seja, eliminá-lo da face da terra¹⁸⁴. A fragilidade ocasionada pela doença o torna também física e psiquicamente suscetível perante sua comunidade. Não se sente ameaçado somente por Deus, mas também pelos pecadores que o rodeiam, como ainda por aqueles que debandaram para o lado dos pecadores (Sl 38,12ss). “*Preparam armadilhas os que buscam tirar-me a vida [nepěš]*” (Sl 38,13). A fragilidade do doente dá ânimo aos adversários para que o humilhem, o explorem e o roubem¹⁸⁵. Eles se aproveitam do estado degradante do doente para difundir calúnias e difamá-lo. Eles inventam delitos que teriam provocado o castigo de Deus. Apresentam-no como proscrito de Deus, fomentando, assim, um vazio ao seu redor, isolando-o, inclusive, de seus parentes¹⁸⁶. Perguntam-se pelos tipos de culpas que provocaram a ira de Deus e lhe ocasionaram tais doenças¹⁸⁷. Os adversários aproveitam a ocasião para se apresentar como abençoados por Deus, porque estão cheios de saúde e prósperos.

Por isso é muito difícil encontrar seres humanos que mantêm com o orante relações positivas¹⁸⁸. Os próprios amigos,

¹⁸⁴ Id., *ibid.*, p. 787.

¹⁸⁵ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 701.

¹⁸⁶ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecilia. *Salmos I*, p. 551.

¹⁸⁷ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 448.

¹⁸⁸ Isso, de modo especial, é um privilégio dos salmos de ação de graças, onde existe uma convocação dos outros, para, juntos, com o salmista, louvarem e agradecerem. No Sl 32, no versículo conclusivo, existe um convite a fim de que os justos e retos de coração se alegrem, exultem e gritem de alegria. É um convite para que participem da alegria, da exultação e do júbilo do orante perdoado. Mas isso já é um sinal da restauração, da recriação, da reconstrução do estado original da criação. É um sinal da superação do caos pelo qual o orante passara. Esse mesmo orante mostra-se num estado de quem saíra das águas caóticas para a terra firme.

companheiros e vizinhos se colocam cautelosos frente ao orante. A situação se coloca como sendo EU contra TODOS OS OUTROS, sejam eles amigos ou inimigos.

No Sl 38 usam-se os termos אָוֹן (*’āwōn*) e הָטָאָה (*h^atā’āh*) para identificar o pecado. Nesse salmo, especialmente no v. 12ss, encontra-se uma experiência de como o estado de pecado provoca uma desestruturação nas relações sociais. Aqueles que eram amigos e vizinhos do orante afastam-se dele, aliando-se inclusive com seus inimigos. A entreatada acabou. A punição pelo pecado passa também pelo mundo das relações humanas. O próximo, encarnado pelo hebreu pelas várias relações de parentesco clânico ou intertribal e de amizade, diante de tão evidente sinal negativo impresso por Deus sobre o orante, faz com que esse grupo acabe por se manter distante do sofrente, da mesma forma que nos encontros e desencontros dialogais entre Jó e seus amigos (Jó 3-27)¹⁸⁹. Muitos são os exemplos encontrados na Bíblia que espelham essa situação: “*Pelos adversários todos que tenho já me tornei escândalo; para meus vizinhos, asco, e terror, para meus amigos*” (Sl 31,12); “*Até o confidente, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim*” (Sl 41,10)¹⁹⁰.

Diante da concepção de que doença é punição por um pecado, o mal que afligiu o orante do Sl 38 deixa familiares, parentes e amigos admirados e espantados. Eles se mantêm à distância. O doente, por assim dizer, se tomou o bode expiatório no qual Deus concentrou sua ira. Ele se torna uma teofania do Deus irado que descarrega sua cólera sobre o ser humano. Uma cumplicidade com ele poderia significar enfrentar a ira de Deus¹⁹¹. E se a ira de Deus contra ele não mais cessar? E se Deus já o entre-

¹⁸⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 701.

¹⁹⁰ Sl 27,10; 55,13-15; 69,9; 88,9.19; Jó 6,15-21; 19,13-19; Is 53,4; Jr 9,2-4; 11,18-19; 12,6; 20,10; 15,10; Lm 1,2.

¹⁹¹ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecilia. *Salmos I*, p. 551.

gou irrevogavelmente à perdição? Se isso for verdade, os que lhe são próximos correm o mesmo perigo que ele!¹⁹² Mesmo que não se possa concluir que os adversários do Sl 38,13 sejam os amigos, companheiros e vizinhos do v. 12, diante da grandeza do castigo que o penitente está sofrendo, Kraus conclui que eles se aliaram com os inimigos engrossando suas fileiras contra o sofredor com a finalidade de bani-lo do seu meio¹⁹³. E mais ainda. Dentro dos salmos de lamentação, gênero ao qual quase todos os salmos penitenciais pertencem, essa é uma conclusão muito coerente, pois, como já fora dito, aparecem apenas adversários e inimigos. O orante está sozinho e não tem em quem confiar, a não ser em seu Deus. Há uma profunda ruptura de relações e de qualidade de vida. Isso é trágico, pois o orante sente-se abandonado. No momento em que mais o sofredor necessita de auxílio, de presença, de amigos, de uma mão amiga, de compreensão, de ajuda, ele sente-se abandonado. Isso faz recordar, com as devidas diferenças, a imagem do Servo de Iahweh (Is 53,3-5). O salmista era culpado. O Servo de Iahweh era inocente.

3.2 Os inimigos dentro dos salmos penitenciais

A primeira passagem a ser analisada é o Sl 6,8, onde צַר *šar* é traduzido por adversário. Esses adversários são עֲתָקָה *‘ātāq* insolentes¹⁹⁴ (Sl 6,8) e פְּעֻלֵי אֲוֵן *pō^alê āwen*, ou seja, malfeitores,

¹⁹² GERSTENBERGER, Erhard S. O Clamor dos Salmistas: Onde está Deus? *Concilium*, v. 242, p. 20.

¹⁹³ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 448-449.

¹⁹⁴ עֲתָקָה *‘ātāq*: “*tqh*: ser removido, segundo Jó 14,18: Áquila (na prim. pess. como a LXX e Jerôn), M. Sarug citado por Rashi, citado por Ros. Ou equivalente de *yshn* = envelhecer: cf. Trg de Lv 25,22, que traduz *yshn* por *‘tq*, LXX, Rashi” (ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 175). “*S’è straccato* (*‘ā^etqāh* qal da *‘ātēq*) lett. *diventare vecchio* (cf. Arab.) e con la vecchiaia fiacco e debole” (CASTELLINO, Giorgio. *Il Libro dei Salmi*, p. 51, *in loco*). “*Si è invecchiato*: i LXX, come anche Aquila, Simmaco e Girolamo, hanno la 1^a p., da cui la Vg (e nVg): *inveterevi*” (Lancellotti, Angelo. *Salmi I*,

promotores daquilo que é vão, promotores de iniquidade (Sl 6,9). O salmista investe com violência contra esses inimigos.

Alguns pensam na hipótese, entre os quais, Ravasi, de que os inimigos são cultores de artes mágicas. Seriam promotores de males e desgraças ou que estavam às voltas com os cultores da magia negra ou de mau-olhado. O Sl 59 contemporizaria com tal pensamento: “*O pecado de sua boca é a palavra de seus lábios: sejam apanhados pelo seu orgulho, pela mentira [כַּחֲשׁוֹ = kaḥaš] e maldição [אֲלָהִים = ’ālāh] que eles proferem*” (Sl 59,13). Chegou-se, por isso, a pensar até na possibilidade de se criarem antídotos litúrgicos para bloquear os efeitos dessas maldições¹⁹⁵. Como esses inimigos também são definidos como os operadores daquilo que é vão, ou do nada, o que operam teria algo a ver com tabu, magia e idolatria¹⁹⁶. Eles seriam sinistros operadores do numinoso¹⁹⁷. Esses operadores do nada aparecem no saltério, fora dos salmos penitenciais, também nos Sl 28,3 e 64,3, onde sua língua se parece com uma espada e com flechas que atacam sorrateiramente e simbolizam o mal. Mas, através da simbólica psi-

p. 109, *in loco*). ‘ātāq “אֲתָק insolência, petulância, barbaridade (no falar) 1Sm 2,3 Sl 31,19 75,6 94,4” (ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português, in loco*). A BJ, portanto, opta por esta última possibilidade.

¹⁹⁵ “At Sumer esisteva un genere litterario detto *nam-erim*, divenuto in accadico *mamitu*, che indicava appunto queste ‘formule di maledizioni’ destinate a suscitare, attraverso l’efficacia della parola (vedi Balaam in Nm 22-24), rovine malattie. La raccolta maggiore di questo genere é costituita dalla serie dei rituali *Shurpu*, lett. l’abbruciamento’ degli ingredienti magici, sui quali si operava il *transfert*. Naturalmente si escogitavan anti-maledizioni altrettanto efficaci, da usare come scudo protettivo: é il caso de una famosa preghiera accadica a ‘Shamaš contro malattie causate da *mamitu*” (RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 151).

¹⁹⁶ Id., *ibid.*, p. 152.

¹⁹⁷ KRAUS, Hlans-Joachim. *Psalmen I*, p. 117.

colingüística¹⁹⁸ semita, parecem simbolizar a ardente força da calúnia.

Os malfeitores do Sl 6 podem ser identificados com aqueles que, aproveitando-se da extrema penúria do orante, atentam contra sua fé (cf. Sl 42,4.11)¹⁹⁹. Podem ser frios espectadores do mal como os amigos de Jó. Dentro do contexto, eles consideram o sofrente um maldito. Por isso podem tirar vantagens como, por ex., o confisco de bens (Sl 22,19) ou a condenação²⁰⁰. Esses malfeitores se insinuem no drama do sofrente, seja ele culpado de algum pecado ou não, e fazem a parte da acusação tentando desvelar, quem sabe, o tipo de pecado do qual o salmista é culpado e que o faz passar por tal desventura. Eles solicitam o seu definitivo afastamento de Deus e da participação na assembléia dos justos²⁰¹. Os comentaristas trabalham com a hipótese de eles, apesar de poderem se mostrar como crentes piedosos, serem blasfemadores ateus²⁰², maldosos, malévolos, mordazes caluniadores, capazes de fazer lavagem cerebral nos ouvintes. São maquinadores, ímpios, falsos, enganadores, etc.

Em todo caso, no Sl 6,7-8 percebem-se as conseqüências que essa insolência pode causar sobre o orante! Essas conseqüências vão muito além da simples doença, pois provocam uma

¹⁹⁸ “Parte da lingüística que pesquisa as conexões existentes entre questões pertinentes ao conhecimento e uso de uma língua, tais como a do processo de aquisição de linguagem e a do processamento lingüístico, e os processos psicológicos que se supõe estarem a elas relacionados” (DICIONÁRIO HOUAISS DA LINGUA PORTUGUESA, *in loco*).

¹⁹⁹ “Mit der Vorstellung vom wirkungsmächtigen Fluchwort wird man die Bezeichnung der Feinde als אֵן פְּעִלֵי stellenweise erklären dürfen. Sie verhängen über den צַדִּיק einen ihn von Jahwe und seinem Segen trennenden magischen Spruch. Dadurch aber bekommt die Not des Einzelnen noch einen besonders unheimlichen Hintergrund” (KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 117).

²⁰⁰ Cf. Sl 41,6-9; 31; 35; 38; 69.

²⁰¹ LANCELLOTTI, Angelo. *Salmi I*, p. 109.

²⁰² WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 91.

tempestade, simbolizada pelas lágrimas, que transtornam o sofredor provocando terror, remorso, consciência de culpa, dor física, medo do futuro e hostilidade.

O Sl 38,12-13.20-21 apresenta uma pista para se entender quem são os inimigos. O salmista, após descrever os efeitos devastadores de uma doença que o deixa à beira da morte, é feito objeto de desprezo e execração pelos próprios parentes e amigos²⁰³. Estes sentem que devem abandoná-lo e lavar as mãos diante dele para não se tornarem seus cúmplices e não serem também eles castigados. Aqueles que outrora eram seus amigos agora o insidiam e querem sua ruína²⁰⁴ aumentando em número seus poderosos inimigos que lhe retribuem o bem com o mal.

Como o salmista se defende? Como se fosse surdo e mudo (v. 14-15)! Se os ataques fossem contra seu corpo, essa passividade não se justificaria! Ele confia em Deus. Ele reconhece que a doença tem como causa seus pecados e que os sofrimentos causados pelas insídias dos inimigos serviram para reintegrá-lo nas relações com Deus (v. 18-19).

Vê-se um orante que, em conseqüência de seus pecados, perdeu a atenção dos seus e sofre com o sarcasmo e as maledicências de seus inimigos²⁰⁵. O Sl 31,12 enriquece o pensamento: “*Pelos adversários todos que tenho já me tornei escândalo, para meus vizinhos, asco, e terror, para meus amigos*”. Os adversários caem como urubus sobre a carniça, aproveitando-se da fraqueza

²⁰³ “The Psalm text no longer presupposes the narrower family as a background. It also speaks of ‘friends’ (*’ōh^abay* ‘who love me’), ‘other relatives’ (*rē’ay*, ‘my sinsfolk’) and ‘neighbours’ (*q^erābay* ‘my neighbours’), who by my definition are possibly also people from the wider environment in which the suppliant is involved. For them, even if there is not complete family solidarity, there are strong bonds of affection and mutual help, and of course mutual interests which are to be derived from living together in a place and from wider relationships in the clan” (GERSTENBERGER. Erhard S. *Theologies in the Old Testament*, p. 80).

²⁰⁴ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 259.

²⁰⁵ Sl 31,12-14; 35,15; 41,6-9; 52,4; 109,11; Is 53,3.

do sofredente. Isolam-no, depredam-no, humilham-no²⁰⁶. Querem bani-lo do meio dos vivos, porque ele é um portador de impureza e carrega na sua pele o sinal da ira de Deus²⁰⁷. O seu estado serve de inspiração para imaginar todos os tipos possíveis e impossíveis de pecados que o sofredor tenha cometido. Ele, que se dizia confiante em Deus, agora está como que abandonado por esse mesmo Deus. Fazem dele, sem nenhum escrúpulo, de bobo da corte, ridicularizando-o da pior forma possível. Ele, talvez, anteriormente compactuara com aqueles que agora são seus adversários. Agora que o orante voltou a fazer o bem, se lhe retribui com o mal. Esta, por sinal, é uma das características dos maus: retribuir o bem com o mal. Talvez até uma queima de arquivo passe pelas suas cabeças. Ele sabe demais. Enquanto não é possível eliminá-lo, os “operadores de iniquidade”²⁰⁸ o caluniam e o desfazem o mais possível²⁰⁹. Pergunta-se, no entanto, Kraus, tendo uma interpretação um pouco diferente, como pode o salmista dizer que os inimigos não têm motivos para acusá-lo, se ele, no v. 19, se reconhece como culpado? Fala-se de dois sentidos de culpa? Os caluniadores – precisamente por serem caluniadores – estão exagerando ou inventando acusações que distanciam o sofredor de Iahweh? Ou, segundo o orante, tinha ele uma revelação de que não necessitava ser afastado de Iahweh? O fato é que ele se recusa a aceitar aquilo que considera calúnias inventadas no v. 13 e reclama da ingratidão dos amigos e dos vizinhos (v. 12) que retribuem o mal pelo bem que lhes fizera (Sl 35,12-14)²¹⁰. Ele,

²⁰⁶ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 701.

²⁰⁷ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 449.

²⁰⁸ “Alla fine dei v. 21 i LXX aggiungono: ‘Essi mi hanno rigettato, io il prediletto, come un cadavere aborrito’. La glossa si ispira a Is 14,19 ed ha avuto successo nell’interpretazione cristiana dal cui ambito forse è nata” (RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 703, nota 20).

²⁰⁹ Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 703.

²¹⁰ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 449-450.

pelo fato de se reconhecer pecador, não se considera impossibilitado de receber ajuda da parte de Deus.

No Sl 102,9, a palavra אֵיבָב *'ōyēb* aparece novamente: “*Meus inimigos me ultrajam todo o dia, os que me louvavam*²¹¹ *agora juram contra mim*” (Sl 102,9). Esta é a tradução da BJ, como o traduzem também a LXX, a Vg e a Pešita. A BJ traduz a curiosa expressão *m^ehōlālay* como provinda de *hll* (pi.) = louvar. O salmista, no entanto, tendo como imagem Is 44,25, deixa seus adversários confusos, instáveis, como que delirando. Levando-se também em consideração Ecl 7,7, o contexto apresenta o sábio fraco e débil e deixando-o perturbado diante das injúrias e constantes imprecações²¹². No insulto agressivo da humilhação e dos ultrajes dos inimigos estão muito mais presentes a fraude, a ironia e a imprecação sarcástica, que são o pão de cada dia. Nesse caso viria da raiz *hll* tronco *poel*: transtornar, fazer enlouquecer, e por isso Alonso Schökel traduz²¹³ “*furiosos contra mim me amaldiçoam*”²¹⁴. Além de tudo isso, ainda o falso juramento pode aludir às maléficas artes mágicas muito usadas para ferir os adversários e que são comuníssimas na literatura mesopotâmica²¹⁵. O orante está envolvido numa finíssima rede de hostilidade. Suas boas intenções são solapadas²¹⁶. O salmista do Sl 102 sente-se como o orante do Sl 13: “*Até quando triunfará meu adversário? Que meu inimigo não diga: ‘Venci-o’, e meus adversários não exultem ao me fazerem tropeçar*” (Sl 13,3.5). Além do

²¹¹ Conforme a vocalização, existem duas possibilidades de leituras: «‘étant furieux contre moi’, avec TM., mais contre LXX et Vers que on: ‘eux que louent’» (*mehûlālay*) (JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme III*, p. 16, *in loco*).

²¹² Sl 22,8; 38,13; Nm 5,21.27; Is 65,15; Jr 29,22; Zc 8,13.

²¹³ Kraus confirma essa tradução: „*als Tor Hingestellte*” (KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen II*, p. 867).

²¹⁴ Bíblia do Peregrino. Einheitsübersetzung: „*schmähen mich*”; Bíblia Vozes: “*ultrajam, praguejam*”.

²¹⁵ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos II*, p. 1257.

²¹⁶ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 42.

mais, a presença hostil dos inimigos contradiz o ostracismo, acenado por alguns, ao qual o orante do Sl 38 estaria relegado²¹⁷.

O Sl 143 usa três vezes o termo אֵיבָּ *'ōyēb*: v. 3, 9 e 12. O termo é usado dentro do contexto onde o orante solicita a Deus que não entre em julgamento contra ele (v. 2). Isso quer dizer que ele reconhece que diante de Deus não era de todo justo! Ele se defronta com adversários que se aproveitam da sua situação de abandono por parte de Deus. Ele, no entanto, quer ser inatacável diante de Deus.

No Sl 143,3, o perseguido reza: “*O inimigo me persegue, esmaga minha vida por terra, faz-me habitar nas trevas como os que estão mortos para sempre*”. O suplicante deste salmo sente-se esmagado por terra pelos seus inimigos e quase retornando ao estado de pó de onde saíra (Gn 3,19). Sente-se moribundo. Como terra está em paralelo com trevas, faz alusão ao xeol para onde o orante já se sente arrastado. Sente-se ultrapassando os limites desta existência e chegando à região onde habitam os que estão mortos para sempre²¹⁸. Seu coração está falhando (143,4). Esse estado desesperador tem como causa as maquinações morais e as intrigas. E nada atinge tanto o imo de um ser humano em seus valores como as calúnias. Pergunta-se Kraus se o orante era um prisioneiro ou se a morte se aproximava. Ele acredita que ambos não se excluem mutuamente, pois a prisão já representava a morte²¹⁹.

Como a doença física era, normalmente, vista como consequência de pecados cometidos, isso fazia com que o doente fosse visto como alguém que estava sendo castigado por Deus. Isso eximia os amigos do dever de prestar-lhe auxílio. Os amigos inclusive mancomunavam-se com seus adversários. Alguém estigmatizado com a ira de Deus não era bem-visto na comunidade.

²¹⁷ ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos II*, p. 1257.

²¹⁸ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 888.

²¹⁹ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen II*, p. 1117-1118.

Isso o tornava um sofredor solitário e estigmatizado, também pela comunidade.

4 Desintegração das relações com a natureza

Os salmos penitenciais abordam, de modo especial, as conseqüências do pecado nas relações entre os seres humanos e com Deus. Com facilidade percebe-se a heteropunição. A pergunta que se pode fazer é se existe uma possibilidade de o pecado, visto dentro dos salmos penitenciais, ser também um agente perturbador das relações dentro da criação. Como a natureza, dentro dos salmos penitenciais, reage ao sofrer as conseqüências do pecado do ser humano?

O cosmo na Bíblia não é uma entidade fixa, um ser ou um organismo imóvel, mas um acontecimento que está sempre num processo dinâmico de desenvolvimento. O ser humano vive no cosmo, portanto, eles interagem. O ser humano bíblico não via aquilo que chamamos de natureza como formando uma unidade e menos ainda como algo impessoal. Atribuir qualidades humanas às forças da natureza, por isso, é natural e também é próprio de um comportamento pré-filosófico²²⁰. O mundo é o lugar do amor de Iahweh²²¹. Quando Deus vela pelo povo, independentemente de onde ele esteja, vela também pelas criaturas que o acompanham e com ele convivem (Sl 104,27ss). Por isso, salvação e criação tornam-se interdependentes. Se Israel via o cosmo desse jeito, ele se apresentava ao ser humano com formas sempre

²²⁰ MCKENZIE, John L. Aspectos del Pensamiento Vererotestamentario, p. 627-628. In BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentario Bíblico "San Jerónimo" V*. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 607-686.

²²¹ PREUSS, Horst Dietrich. *Theologie des Alten Testaments I*. JHWHs erwählendes und verpflichtendes Handeln. Stuttgart; Berlin; Köln: W. Kohlhammer, 1991, p. 272.

novas e variadas e, por isso, difícil de ser captado conceptualmente. O cosmo não existia livre e auto-suficiente.

De um lado, era percebida, nesse cosmo, a contribuição de Iahweh. De outro, a do ser humano. Este, com suas ações boas ou más, determinava incessantemente as reações do ambiente circunstante²²². O pecado prejudica, portanto, nossas relações com a natureza. Os profetas do Antigo Testamento testemunham que o pecado se reflete em sofrimento para a natureza (Is 24,4-5; Os 4,2-3)²²³.

O pecado é uma forma de violência, que afeta a própria terra. O ser humano faz a experiência de uma terra sob a ordem justa de Deus (Sl 104). Numa terra assim não há lugar para pecadores e ímpios (Sl 104,35) dando, ao que parece, a entender que o pecador e o ímpio destoariam em tal ambiente. O ser humano introduz a violência *hamas* no mundo: “*A terra se perverteu diante de Deus e encheu-se de violência*” (Gn 6,11).

Nos salmos penitenciais, predominantemente, são abordadas as conseqüências do pecado sobre o ser humano. Pode-se, ao menos indiretamente, perceber a influência desse mal sobre o restante da criação? O ser humano vive na terra e neste ecossistema. Ele se relaciona e interage com as criaturas que habitam a terra. O ser humano sabe que a maldição que a terra sofreu teve como causa o pecado que ele cometeu (Gn 3,17). O pecado, portanto, foi causa de má qualidade de vida, tanto para o ser humano como para toda a criação. O que se quer perguntar é o seguinte:

²²² BONORA, Antonio. Cosmos. In *NDTB*, p. 352.

²²³ “Sin damages our relationships with God and with one another, the relationships between social groups, and that between humanity and the earth. As the prophets of the Old Testament testify, such sin is reflected in the earth’s suffering” [Is 24,4-5; Ho 4,2-31]. *The Call of Creation: God’s invitation and the Human Response*. Internet: <http://www.ofm-jpic.org/ecology/callofcreation.html>. Baixado em: 19/8/2003, p. 4.

os salmos penitenciais deixam indícios onde a criação sofre as conseqüências negativas do pecado?

Um primeiro indício, dentro do Sl 102, é a referência a Sião. O Sl 102 é um salmo aberto para a esperança frente ao exílio e feito por orantes apaixonados por sua pátria. O exílio mostra o quanto de destruição acontecera (Lm 1,1), pois a destruição está por toda parte. Toda a criação presente naquele ambiente sofreu por causa do pecado (Lm 1,14). O pecado impedira que as obras do ser humano pudessem servir de qualidade de vida para ele. O ser humano se dera conta, inclusive, de que criaturas não-humanas podiam servir de local onde Deus se revelava presente (1Rs 8,10-13). As dissensões entre os seres humanos, no entanto, fizeram com que a obra da cultura humana, ou seja, a cidade de Sião e o templo, lugar da presença de Deus, construída a partir de criaturas de Deus, fosse arrasada, desvalorizada, instrumentalizada. A destruição causada pelo pecado mostra o quanto Sião/Jerusalém era boa (Is 44,26). Foi através do exílio que a bondade da terra (Is 49,8ss) e a irmanação criatural puderam ser percebidas (Is 49, 10-11). A saudade é tanta que chegam a exclamar: *“Porque teus servos amam suas pedras, compadecidos da sua poeira”* (Sl 102, 15). Para o salmista, dentro de uma concepção geocêntrica do mundo, Jerusalém/Sião representava o centro do mundo. A restauração da cidade significa a restauração de uma religião com Iahweh. Nela se manifesta a glória de Iahweh²²⁴. Nela Deus vela sobre seu povo orante²²⁵. As dimensões verticais e horizontais têm seu ponto de referência em Sião. A reconstrução das muralhas de Jerusalém, na volta do exílio, significaria o perdão de Iahweh (Sl 51,20; cf. Sl 102,14.17.20-23). Ravasi, ao comentar o Sl 51, diz: “Sião, na esperança, retorna a ser o centro do cosmo e o umbigo da terra, para onde acorrem

²²⁴ Sl 102,17; 51,20; os salmos reais; Is 40,5.

²²⁵ Sl 102,16; 96,3.10; 98,3; 100; Is 52,10; 59,19; 60,3.10; Mi 7,11.12.

em grandiosa procissão, como a uma fonte, todos os povos da terra”²²⁶.

Um segundo indício encontra-se, quando o ser humano se compara com outras criaturas que vivem no seu estado natural, tanto animais como plantas, vistas no ser e agir. Como os animais, também o ser humano é uma criatura. A solidão do exílio fez com que o orante se percebesse solitário como o “*pelicano do deserto, como o mocho das ruínas... como ave solitária no telhado*” (Sl 102,7-8). Outras criaturas servem de comparação para expressar a situação existencial do orante. A solidão numa sociedade gregária e ainda clânica, ao menos na memória, é trágica. As criaturas, no seu modo de ser e agir, trazem à memória imagens que expressam os sentimentos do ser humano sofrido.

O salmista busca na natureza imagens para manifestar seu estado psicoespiritual. Para expressar, por ex., no Sl 32,4, o estado de seu coração, ele apela para a comparação com um feixe de palha²²⁷. A vida se dissolve como a palha ao fogo²²⁸. O pecado provoca uma aridez interior. A consciência está tão seca que fica como morta. A aridez e o tórrido calor da geografia palestinese oferecem as imagens para descrever os estados psicofísicos do pecador²²⁹. Ainda no Sl 32 o orante descreve com imagens da natureza seu estado antes da confissão do pecado: é como palha seca no ameaçador calor do verão (Sl 32,4). Ele descreve como o estado de pecado deixa o pecador. Ele vive uma vida sem qualidade e sente-se fora daquilo que são os planos do criador.

O orante, como também o faz a literatura sapiencial (Pr 26,3), usa imagens teriomórficas para expressar atitudes do ser

²²⁶ RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi III*, p. 45.

²²⁷ “*lshdy*: *lshd* + sufixo - minha linfa, vigor”. ALONSO SCHÖKEL, Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 476, *in loco*. BJ, *in loco*: minha seiva”.

²²⁸ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme I*, p. 686.

²²⁹ “Malattia e aridità interiore; tempo (‘giorno e notte’) e spazio (‘arsura estiva’) sono associati in questa grande maledizione che è il peccato” (RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 589).

humano. O pecado é considerado uma insensatez ou uma loucura. O pecador obstinado é considerado sem inteligência como o são o cavalo e o jumento (Sl 32,9). Somente com a disciplina pode-se domá-los. Usa-se o verbo *bîn* entender, compreender para identificar a sabedoria e a inteligência. É um verbo que se expressa como antônimo de teimosia, petulância, ímpeto, orgulho e auto-suficiência. O empedernimento leva ao caminho dos sofrimentos²³⁰. A obstinação frente aos planos e caminhos de Deus descaracteriza a qualidade de vida. No caso da literatura sapiencial, o sofrimento do ser humano o convida à solidariedade. O sofrimento do indivíduo o torna sensível frente ao sofrimento dos outros irmãos e irmãs criaturas, visto que o ser humano também é uma criatura.

Um terceiro indício é oferecido pelo Sl 51,18-21. Alguns autores pensam²³¹ que se pudesse estar diante de uma ausência do templo, o que impediria de se fazer os sacrifícios prescritos. O coração contrito substituiria os sacrifícios. Ou até também, o que é um pensamento de consenso mais amplo²³², se quer dizer que sacrifícios sem uma presença de um espírito contrito, humilde, obediente a Deus, tornam-se puramente rito e se reduzem a uma farsa ou uma magia.

Talvez exista algo ainda mais profundo. Historicamente superaram-se os sacrifícios humanos, passando-se para ofertas de animais e vegetais em geral. No entanto, continuam sendo outras criaturas que são oferecidas em lugar do EU. O sacrifício é consequência do pecado humano. A superação do formalismo encontrado no Sl 51,18ss parece querer ressaltar o auto-oferecimento. Neles o autor quer ressaltar que as ofertas simbolizam o EU que se oferece, visto que a oferta já é automaticamente propriedade do Criador! Sendo o ser humano vizir de Deus na

²³⁰ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 209.

²³¹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 55-56.

²³² Id., *ibid.*, p. 56.

terra, o que mais profundamente estaria sendo expresso é a prestação de contas de seu serviço feito em nome de Deus, na criação. As primícias ou o dízimo seriam o símbolo disso. Nos sacrifícios o ser humano está prestando contas ao Criador.

Ainda hoje, no entanto, podem ser feitos sacrifícios humanos, através da oferta de algo que é o resultado de trabalho expropriado de alguém. Continua-se a oferecer animais, através da expropriação dos direitos dos animais. O mesmo vale para outras criaturas. A ausência de condições pessoais prévias faz com que uma oferta possa tornar-se um pecado e, por isso, ser rejeitada por Deus. Isso se torna uma forma de agressão a toda a criação.

Além do mais, ainda hoje algumas religiões, para implo- rar o perdão dos pecados ou para afastar todo e qualquer tipo de mal, claramente fazem a natureza “pagar” pelo ser humano. Normalmente são oferecidos animais. Inocentemente eles derramam seu sangue pelos pecados dos seres humanos²³³.

O Sl 38,3 nos oferece um quarto indício. O orante desse salmo usa a flecha para expressar a forma como se sente quando atingido pela mão de Deus. O verbo *nht* (נתח) atingir é conhecido também no ugarítico e quer dizer “baixar, depor, causar”²³⁴. O Deus cananeu das pragas chamava-se Resheph e tinha como epíteto “o arqueiro”²³⁵ ou “Resheph, o arqueiro”. Numa inscrição fenícia do IV séc. a.C., é simplesmente chamado de “Deus da

²³³ O cristianismo tem uma proposta para superar isso. Cristo, no qual todas as coisas subsistem, ao se oferecer como o único e eterno sacrifício para o perdão dos pecados, superaria a necessidade de oferecer outras criaturas em sacrifício. A ceia por ele celebrada pode sempre de novo ser atualizada pelo presidente da celebração, tanto geográfica como cronologicamente, para todos os povos até ao final dos tempos.

²³⁴ OLMO LETE, G. del. *Mitos y leyendas de Canaan según la Tradición de Ugarit*, p. 635.

²³⁵ WILSON, Marvin R. נתח (*nāḥēt*) *Descer*. In *DITAT*, p. 955.

flecha”²³⁶ e é conhecido também como o deus da peste²³⁷. O orante do Sl 38 se expressa como se estivesse contagiado por uma doença provinda de Iahweh²³⁸. As enfermidades e os juízos punitivos de Deus são como flechas penetrantes que tornam patente a natureza do paciente contaminada pelo pecado²³⁹.

Martinho Lutero, que parece querer ver toda a interpretação do Sl 38, a partir do conceito flecha, assim se expressa: “Mas ninguém as sente, a não ser aquele que as têm fincadas no coração e cuja consciência se assusta com elas”²⁴⁰. Por isso ela é comparada ao raio, símbolo da “celeridade e da intuição fulgurante”²⁴¹.

Essa mesma flecha pode simbolizar a punição que se volta sobre mentirosos e difamadores²⁴². Os Santos Padres interpretam o uso da flecha, no Sl 38, como sendo uma ação de Deus por

²³⁶ DAHOOD, Mitchell. *Psalms I*, p. 235.

²³⁷ OLMO LETE, G. del. *Mitos y leyendas de Canaan según la Tradición de Ugarit*, p. 635.

²³⁸ DAHOOD, Mitchell. *Psalms I*, p. 235.

²³⁹ GARCÍA CORDERO, Maximiliano. *Libro de los Salmos*, p. 345.

²⁴⁰ LUTERO, Martinho. Os sete salmos de penitência. In *Obras Seleccionadas* 8. São Leopoldo:Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 493-548. Publ.: Comissão Interluterana de Literatura, p. 50.

²⁴¹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*, p. 435. Nas mãos da divindade as flechas tomam-se “instrumentos de julgamento. Se o pecador não se converter, o Senhor afia sua espada, ‘retesa o arco e o aponta’ (Sl 7,13s). Jó, provado pelo sofrimento, se queixa: ‘Levo cravadas as flechas de Shaddai’ (6,54). Deus paga os maliciosos, enviando-lhes suas flechas e ‘eles são feridos de repente’ (Sl 68,8). No Sl 76,4 as flechas – com certeza apoiando-se no Deus cananeu – são chamadas de ‘Reshef do arco’, que em geral se traduz por flamas ou relâmpagos” (LURKER, Manfred. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*, p. 15).

²⁴² “Lügen und Verleumdung im Mund des Feindes werden oft mit scharfen und giftigen Pfeilen vergleichen (Ps 57,5; 64,4; Spr 25,18; 26,18; Jer 9,7). In Ps 64 wird dargestellt, wie die Verleumder mit ihren eigenen Waffen geschlagen werden (v. 4,8) ” (HOFFNER, H. A. רַחַ הֶעֶס. In *ThWAT III*, col. 134).

causa do pecado. As flechas do Senhor provocam dores, tanto no corpo como na alma²⁴³, e vergastam o coração do penitente a fim de que ele faça penitência²⁴⁴.

O pecador e o ímpio, através da cultura, podem fazer uso de criaturas para servirem como meios para a crueldade e a agressividade. O Sl 38,13 faz referência às armadilhas. É um quinto indício. Estas existem de diferentes tipos. Deviam servir apenas para caça, usada como meio de sobrevivência. Elas, no entanto, acabaram sofrendo um desvio de função. Foram também usadas para agredir outros seres humanos. A terra serve como um sexto indício. A cova ou fosso, por causa do pecado, também sofreria um desvio de função. De instrumento de caça passou a ser usada para atingir seres humanos. Isso transformaria a criação num local sem qualidade de vida, cruel, caótico, inimigo e agressivo. Assim o pecador não mais poderia fazer a experiência da bondade do Deus da criação²⁴⁵. Kraus veria uma possibilidade

²⁴³ “Quasi sagittis Domini infigimur quando doloribus corporis et animae a Domino propter peccatum vulneramur. Humana quippe anima inde est punita, unde delectata. Manum autem suam Dominus super nos confirmat, quia poena peccati, qua primum hominem percussit” (RUFINI Tyranni Commentarius in LXXV Psalmos. In *PL* 21, 784).

²⁴⁴ “Sagittae, verba doctrinae sunt, quae ut jaculum verberant cor poenitentis, ut agat poenitentiam” (BRUNI, Sancti. Herbipolensis Episcopi. Expositio Psalmorum. In *PL* 142, 162). “Quid per sagittas nisi correctionis verba intelligimus?... Possumus etiam, per sagittas huius saeculi aerumnas intelligere, ut sit vox humani generis de tot miseriis conquerentis, quasi dicat: Ne irascaris, Domine, populo tuo, qui tantis undique miseriis et angustiis obsitus est; hinc enim sagittae tuae debita vindicta, morbi, pestilentiae, fames, aliaeque hujus saeculi adversitates nos vulnerant et affligunt” (ODDONIS Astensis In Psalmos Expositio. In *PL* 165, 1229).

²⁴⁵ “Se el hombre abandona la justicia de Dios – es decir, la ley que hace visible el orden de la creación – el mismo cosmos se ve afectado, realizándose así una escisión entre el orden justo del mundo creado por Dios y la experiencia efectiva del mundo hecha por el Israel pecador. El hombre pecador no ve más que un mundo desquiciado, cruel, caótico y enemigo, y no consigue ya desco-

de o orante do Sl 143,4 ser prisioneiro. As próprias prisões, feitas com criaturas, sofrem desvio de função, quando injustamente acolhem alguém. A causa disso é o pecado.

Um sétimo indício usado para expressar estados de espírito do ser humano é a água. As águas, dentro de uma concepção cósmica geocêntrica, estão acima dos céus e abaixo da terra. Elas, portanto, poderiam voltar a cobrir a terra. Por causa do pecado, por meio do dilúvio, isso já acontecera uma vez. É um exemplo de como a natureza fora usada por Deus para castigar os seres humanos. Esse medo passa a expressar o estado deplorável de pecado em que alguém se encontrava. Estava, por assim dizer, com a água até o pescoço ou ainda acima da cabeça. Elas expressam a insuportabilidade do pecado (Sl 130,1) e seu medo assustador. “*Mesmo que as águas torrenciais transbordem, jamais o atingirão*” (Sl 32,6), exclama o pecador perdoado. As iniquidades deixam o pecador como que afundado em águas profundas²⁴⁶.

Dentro dos salmos penitenciais, podem ainda levantar-se outros indícios. A cama e o leito, no Sl 6,7, são solidários com o ser humano participando de suas dores e acolhendo as lágrimas derramadas por causa dos sofrimentos causados pelos opressores (v. 7-8). Toda opressão, portanto, é pecado.

O calor do verão, nos Sl 32,4 e 102,12, espelha a imagem do pecador. O pecado seca a seiva vital esgotando as forças do orante.

O ser humano retira da natureza as imagens para expressar estados psicoespirituais. Isso é possível, porque ele sente-se solidário com o restante da criação. A fumaça e o braseiro (Sl 102,4) queimam os ossos do orante e querem representar a *débâ-*

brir al Dios bueno de la creación” (BONORA, Antonio. *Cosmos*. In *NDTB*, p. 360-361).

²⁴⁶ Cf. GUNKEL, Hermann, *Die Psalmen*. 5. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968, p. 161. Cf. Sl 18,5; 69,3.16; 129,4-5.

cle, não só somática, mas também psíquicoespiritual do orante. Além do mais, o pecado oprime tanto o orante que ele sente-se como a relva pisada. Até o desejo de sobrevivência esmorece espelhado pelo esquecimento de comer o pão (Sl 102,5), ou trocando o pão por cinza (Sl 102,10a) e misturando lágrimas na bebida (Sl 102,10b).

No Sl 143, o vocábulo terra aparece três vezes: “*Esmaga minha vida por terra*” (v. 3); “*terra sedenta de ti*” (v. 6) e “*terra aplanada*” (v. 10). Um outro uso de terra seria “*os que baixam à cova [retornam a terra]*” (v. 7). Dentro disso tem-se duas formulações onde se retiram da terra indícios para mostrar que o pecado passa a prejudicar a criação. A terra é obrigada a tomar parte do sofrimento do ser humano por causa do pecado. Ela é a receptora do pecador abrindo-se (cova). Ela também é usada para que alguém possa contra ela ser esmagado. Ainda a terra seca é símbolo da sede de Deus que o ser humano tem porque o pecado o afastara de Deus. Com isso não se quer esquecer que a própria situação criatural torna o ser humano dependente e sedento de Deus.

O pecado faz inclusive com que o mandamento dado por Deus (“*multiplicai-vos*”: Gn 1,28) gere seres humanos também marcados pelo pecado. Diz o orante: “*Eis que eu nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me no pecado*” (Sl 51,7). O pecado macula a maternidade.

As ruínas podem ser a memória do pecado (Sl 102,7). Este causa diferentes tipos de litígios que provocam a destruição das obras da cultura humana. O chão torna-se um meio usado por Deus para esmagar o pecador (Sl 102,11). As profundezas simbolizam o sufoco em que o pecador vive (Sl 130,1).

Esses são indícios variados, onde pode ser percebida a mão do pecado desintegrando e desvirtuando as relações do ser humano com o restante da criação.